nº 5 ■ Maio de 2022 ■ ISSN 1676-157X

Caderno STYLUS

no. 5 ■ Maio de 2022 ■ ISSN 1676-157X

Caderno STYLUS

Thesaurus

Transferência de trabalho

Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano — Brasil

no. 5 ■ Maio de 2022 ■ ISSN 1676-157X

Caderno STYLUS

Thesaurus

Transferência de trabalho

Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano — Brasil

Caderno-Stylus_PROVA-FINAL.indd 1 17/05/2022 10:26:26

© 2022 Escola de Psicanálise dos Fóruns
do Campo Lacaniano – Brasil (EPFCL-Brasil)

Caderno Stylus 5
Thesaurus – Transferência de trabalho
Caderno Stylus é uma publicação especial da Revista Stylus.

Comissão de Gestão do EPFCL-Brasil (2021-2022)
Diretor: Robson Mello
Secretária: Julie Travassos
Tesoureira: Juliana Costa
Coordenação das Formações Clínicas 2021: Ana Lúcia Girardi
Coordenação da Comissão de Cartéis: Fernanda Zacharewicz

Equipe editorial Stylus (2021- 2022)
Fernanda Zacharewicz (editora)
Ivan Ramos Estevão (editor)
Equipe editorial:
Joseane Garcia
Pedro Moacyr
Thalita Castello Branco Fontenele

Projeto de capa: Rubens Lima
Capa e diagramação: Sonia Peticov

E74e Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano – Brasil

Thesaurus: transferência de trabalho / Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano – Brasil; Organização de Maria Claudia Formigoni, Maria Laura Cury Silvestre – São Paulo: EPFCL – Brasil, 2022.
80 p. (Caderno Stylus, n. 5)

ISSN 1676-157X

1. Transferência. 2. Psicanálise. I. Formigoni, Maria Claudia. II. Silvestre, Maria Laura Cury. III. Título. IV. Série

CDD 150.195

Apresentação

"O ensino da psicanálise só pode transmitir-se de um sujeito a outro pelas vias de uma transferência de trabalho" (Lacan, Ato de fundação, 1964). Esta foi a única menção de Lacan à transferência de trabalho. Psicanalistas de nossa Escola, porém, não abandonaram a expressão criada por ele. Há mais de 20 anos, têm pensado e interrogado o lugar e a função da transferência de trabalho na Escola, crucial para a sustentação da psicanálise. Está na Carta da IF: "Uma Escola é feita para sustentar essa contingência [do ato analítico] dando-lhe o apoio de uma comunidade animada pela transferência de trabalho".

Mas o que é afinal "transferência de trabalho"? O que os analistas da EPFCL têm escrito, pensado e formulado sobre "transferência de trabalho"? A ideia de fazer este *Thesaurus* surgiu a partir de questões, provocadas pelo debate, em um Espaço Escola ocorrido no FCL-SP, em 2019.

Transferência de trabalho. Expressão que, por ser intransitiva, faz circular, movimentar, enlaçar ao modo borromeano, e não

dois a dois. Faz referência à não-toda, única lógica possível para pensar o laço à Escola. Partindo, então, da relação entre transferência de trabalho e Escola, optamos por realizar a pesquisa em todos os números de *Stylus*, *Wunsch* e *Heteridade* publicados até junho de 2021.

Maria Claudia Formigoni
Maria Laura Cury Silvestre

Nota das organizadoras

Os trechos destacados nesta compilação foram transcritos conforme publicação original.

Thesaurus

Transferência de trabalho

STYLUS ■ 09
HETERIDADE ■ 44
WUNSCH ■ 48

STYLUS

STYLUS 1

O Desejo do Analista e o Termo da Transferência

Antonio Quinet

COMENTÁRIO DO DISCURSO À ESCOLA FREUDIANA DE PARIS DE JACQUES LACAN

"Há portanto um termo da relação de transferência analítica que equivale à queda do sujeito suposto saber e nada indica que essa transferência se tornará **transferência de trabalho**, como reza a doxa 'aemepeísta'. A relação transferencial enquanto analítica tem um termo que é estrutural e lógico. Sustentar que ela nunca termina é uma impostura equivalente a sustentar que após encontrar a inconsistência do Outro na análise, o sujeito reconstitui o Outro na Escola através da **transferência de trabalho**. Isso é um modelo carreirista. Pois nem é obrigatório que a transferência analítica se transforme em **transferência de trabalho** nem que sua contemporaneidade e concomitância sejam impossíveis. Pelo contrário, verificamos como a transferência analítica se não favorece e provoca, pelo menos não impede a **transferência de trabalho**" (p. 19).

Quinet, A. (2000, abril). O desejo do analista e o termo da transferência. Comentário do discurso à Escola Freudiana de Paris de Jacques Lacan. *Stylus. Revista de Psicanálise*, 1, 11-20. https://issuu.com/epfclbrasil/docs/n1-full

A Transferência depois do Passe

Marie-Jean Sauret

TRABALHO DE TRANSFERÊNCIA, **TRANSFERÊNCIA DE TRABALHO**, LAÇO SOCIAL

"Não é certo que tratar da **transferência de trabalho** nos dê os meios de trabalhar a psicanálise e de partilhar essa atividade com os outros. Na melhor das hipóteses esta exposição contribuirá com o trabalho de vocês... se vocês trabalham. Na pior, ela constituirá um embaraço ou um álibi à nossa preguiça ou ao nosso retorno a nós mesmos. Se o trabalho não suscita espontaneamente o entusiasmo, sem dúvida ele está ligado àquilo que testemunha o que se depôs na língua de seus valores de uso (cf. também Freud, O Mal-Estar..., nota pp. 25-26). A etimologia deriva a palavra francesa 'trabalho' (eu suponho que a tradução espanhola e a portuguesa igualmente) do latim popular *tripalium*, que designa literalmente uma máquina composta de 'três pés'. Mas 'trabalho' se apresentou, pelo menos uma vez (em 578), no sentido de instrumento de tortura, que é reencontrado, sem dúvida, no 'trabalho' de parto: o tormento, o sofrimento, a dor. Sem dúvida, toda produção é neste sentido assimilada a um parto: não sem trabalho. Mas eu queria sublinhar uma última acepção que deveria fazer pensar ao chegar às orelhas dos '(ex?) trabalhadores decididos' da psicanálise: o trabalho ainda hoje é 'uma máquina à qual são sujeitados os bois, os cavalos, etc., para ferrá-los'. Retenhamos este uso do 'trabalho' como meio de 'sujeição' dos animais de traço ou de soma da psicanálise!" (p. 21).

"A **transferência de trabalho** designa o que sustenta este trabalho de explicação quando o Outro do saber não é mais suposto fornecê-la, o que relança o trabalho contra o fechamento de sua própria resposta. O bem-dizer da explicação com o silêncio do Outro supõe o encontro do que o reduz definitivamente ao silêncio? Não, não o encontro necessariamente, mas a existência desse ponto de silêncio. O bem-dizer da explicação se distingue pelo apoio encontrado neste vazio do Outro, do bem-dizer do analisante endereçado ao sujeito suposto saber. Nesse sentido, **transferência de trabalho** e transferência analítica são antinômicas. O que não significa nem que a resolução da transferência analítica deva preceder a **transferência de trabalho**, nem que elas são incompatíveis (antes de mais nada, as contribuições teóricas dos pioneiros da psicanálise, pouco ou não analisados, o provam).

A **transferência de trabalho** acompanha o passo que vai do simbólico ao real por um ganho de saber suscetível de colocar em causa os saberes existentes, inclusive os da psicanálise. Nesse sentido, há **transferência de trabalho** em todos os domínios da ciência: o cientista alarga os limites do saber, incentivado pela *docte ignorance*. Não está excluído que o desejo do cientista esteja apoiado sobre a convicção de que o saber já existe aí, perto de Deus, ou numa natureza constituída como um grande livro assim como a Idade Média o afirmava (um exemplo recente dessa posição é constituído pela gnose de Princeton). Lá, na ciência, não existe psicanalista para levar essa convicção a uma pura suposição. O que não impede essa transferência quase analítica, anônima, facilitar — com uma condição — a **transferência de trabalho**: os resultados o demonstram. Essa condição é que, por um artifício ou outro, seja mantida a exclusão do sujeito fora do saber ou toda outra modalidade da impossibilidade para o Outro de responder ele mesmo às questões do sábio. Descartes viu muito bem que se o saber perfeito e infinito se encontrava perto de Deus, se Deus era a ciência, isso implicava que a criatura, imperfeita e acabada, era

rejeitada fora desse saber. 'Uma prática não precisa ser esclarecida para operar!' Mesma observação sobre a concepção da natureza como um livro a decifrar. A natureza não o fornece decifrado: é preciso um desejo para realizá-lo.

Existem duas diferenças que seria necessário considerar se elas modificam a natureza da **transferência de trabalho** entre a ciência e a psicanálise. A primeira se atém ao fato de que não se trata do mesmo real: real da ciência de um lado, real do sujeito do outro. A outra diferença, que se vê mal a psicanálise se transmitir em toda ignorância do ponto em que o outro afirma seu limite estrutural. Talvez, essas duas diferenças não existam: de um lado, porque se explicar com o real é... explicar-se com o real! E, nos dois casos, é preciso um sujeito que consinta a se franquear ao saber tomando apoio em seu desejo. Por outro lado, a ciência moderna nasceu precisamente do encontro com um real que veio revelar de alguma maneira que, desde então, o saber tem um limite: o que polariza precisamente o desejo do sábio. A diferença se deveria, então, ao simples fato de que alguns sujeitos participam de uma **transferência de trabalho** com ou após uma experiência analítica. Mas Lacan chegará até a escrever que se há pessoas às quais faríamos bem em prescrever uma análise, é aos que exercem a profissão da ciência (a de ensiná-la, acredito eu)! Trata-se explicitamente de contaminar com a transferência analítica sujeitos tomados pela **transferência de trabalho** no domínio particular da ciência: será necessário voltar sobre a razão.

(...)

Mas quando o analisante terminou o seu tratamento, a transferência analítica somente se resolveu no ponto em que são verificados os limites do Outro. O que significa que o sujeito continua à mercê de encontros contingentes — suscetíveis de tocar a seu fantasma mesmo após sua travessia — aos quais ele responderá no caso de destituição por um apelo renovado ao suposto saber... sem cessar forçosamente de trabalhar por isso. O que significa

ainda que a transferência analítica, que se sustenta nessa suposição de saber, é perfeitamente compatível com a existência de uma **transferência de trabalho** que se sustenta ela própria num limite do saber, verificado ou não: não está excluído, então, que a transferência analítica se coloque a serviço da **transferência de trabalho**, permitindo ao analista não apenas se tornar analisante (numa outra vertente), mas passante; não está excluído também que a **transferência de trabalho** se coloque a serviço... do tratamento — aquele no qual o sujeito se compromete como analista, por definição, mas também o seu próprio, se ele o retoma, o que é menos enfatizado" (pp. 24-25).

"Lacan, com efeito, nos ensinou de que é feita a primícia que o sujeito introduz no saber, esta causa do desejo: seu ser de gozo. A presença da psicanálise e do passe, que conduz tal sujeito até obter uma visão sobre o gozo ao qual ele se reduz, é o sinal de que uma das condições da ciência e da **transferência de trabalho** é mantida: $\mathbb{A}$ – condição igualmente de um laço social. Mesmo se para outros, aqui ou em outro lugar, esta relação com $\mathbb{A}$ é mais ou menos velada" (p. 29).

Sauret, M.-J. (2000, abril). A transferência depois do passe. Trabalho de transferência, transferência de trabalho, laço social. *Stylus. Revista de Psicanálise*, 1, 21-29. https://issuu.com/epfclbrasil/docs/n1-full

A propósito da expressão "Passe sob Transferência"

Graça Pamplona

"O sim, o consentimento, a resposta afirmativa veio da Escola da Causa Freudiana e da Escola Europeia de Psicanálise desde logo. Mais que isso, muitos de nós, hoje integrantes dos FCLs, fomos buscar nos textos de Jacques Lacan os meios para legitimar a modificação introduzida na Proposição de Jacques Lacan, o qual,

na Carta aos Italianos, tornara-a mais rigorosa. Foi um esforço justo e no qual estava em jogo o que há de transferência, enquanto **transferência de trabalho**, com o que ela implica de confiança" (p. 34).

Pamplona, G. (2000, abril). A propósito da expressão "passe sob transferência". *Stylus. Revista de Psicanálise*, 1, 33-36. https://issuu.com/epfclbrasil/docs/n1-full

DEBATE — FÓRUM NACIONAL DO CAMPO LACANIANO — 1999

"Fica aqui, então, a sugestão para pensarmos qual o destino da transferência, uma vez que a transferência que resta de uma operação analítica que chegou ao seu termo não implica nem a sua liquidação e nem numa volta ao ponto zero. Principalmente, o que podemos entender por **transferência de trabalho** depois do passe. Sim, isto parece importante no sentido de que o passador, sendo nomeado, vai estar ligado a um trabalho com a comunidade. Deve assumir as consequências do ato que o orienta em sua prática como psicanalista, sustentado por um desejo inédito. E será justamente só *a posteriori* que um AE poderá dar testemunho, transmitir e ensinar a psicanálise a partir de sua experiência. Assim, ao fazer-se responsável pelo progresso da transmissão da psicanálise, fica implicada ao AE uma nova responsabilidade. Não apenas subjetiva, mas também na sua relação com a sua comunidade analítica, com a Escola, tal qual Lacan a propõe" (pp. 61-62).

DEBATE — Fórum Nacional do Campo Lacaniano – 1999. (2000, abril). A propósito da expressão "passe sob transferência". *Stylus. Revista de Psicanálise*, 1, 61-65. https://issuu.com/epfclbrasil/docs/n1-full

Passe sob Transferência: "Rainha do Conga"

Rainer Melo

"O segundo momento foi com a questão de estar entre dois estados, Minas/Rio. Não conseguia decidir. Durou dois anos. Queria o Rio desde o início, por desejo e **transferência de trabalho**, mas tinha pena de rejeitar e abandonar o seu Estado: Minas" (pp.73-74).

Melo, R. (2000, abril). Passe sob transferência — "Rainha do Conga". *Stylus. Revista de Psicanálise*, 1, 69-75. https://issuu.com/epfclbrasil/docs/n1-full

Passe na AMP

Maria Anita Carneiro Ribeiro

"Quando o sujeito se propõe a se submeter à experiência do passe, propõe-se a recriar o Outro que, através de sua própria travessia na análise, ele sabe que não existe. No passe o sujeito recria o Outro pela via da demanda do passe. Na medida em que este Outro é recriado pelo passante, é um Outro inconsistente, contingente, a serviço de um real em questão que é a relação do passante à causa analítica. É esse real que está no cerne da passagem do trabalho de transferência à **transferência de trabalho**, e que vai estar em jogo, de uma maneira particular para cada um, na demanda do passe.

O Outro a quem enderecei minha demanda de passe foi a AMP, e o outro que a escutou, aliás muito bem, foi Jacques-Alain Miller, secretário perpétuo e ambulante do passe. Pedi o passe em novembro de 1997, em Buenos Aires, fiz o passe em janeiro de 1998, em Barcelona e quando recebi o resultado — em junho de 1998 — dois meses antes de me demitir da AMP, já não endereçava mais minha **transferência de trabalho** a essa comunidade

analítica, e o que é mais grave, algumas circunstâncias faziam-me não dar mais nenhuma credibilidade a qualquer resposta que eu pudesse obter" (p. 77).

"No entanto, quando o passante recria o Outro pela demanda do passe, aguarda uma resposta desse Outro. Ora, no meu caso particular, esse Outro, a AMP, não é mais o lugar do endereçamento de qualquer demanda ou de qualquer aposta, ou seja, não é Outro: e a Escola por vir, ainda está por vir. Assim sendo, não vou dar testemunho de meu passe clínico, sobre o que considero o final de minha análise, até porque não está fechada para mim a possibilidade de me submeter de novo ao dispositivo no âmbito de uma nova Escola, quando os laços de **transferência de trabalho** e de confiança me permitirem receber uma resposta — sim ou não — como legítima" (p. 78).

Ribeiro, M. A. C. (2000, abril). Passe na AMP. *Stylus. Revista de Psicanálise*, 1, 77-82. https://issuu.com/epfclbrasil/docs/n1-full

STYLUS 2

A partir da Carta aos Italianos

Vera Pollo

"Pois bem, voltando à aula de 9 de abril de 1974, Lacan ressalta que a oferta de um corpo ou organização imaginária é o que faz a passagem da multidão ao grupo, ao passo que a passagem do grupo à Escola implica algo mais. Ela implica um novo laço, capaz de transformar o 'sujeito suposto saber' (o trabalho de transferência) em 'saber suposto sujeito' (a **transferência de trabalho**). Em outras palavras, para que haja Escola, é preciso que não

permaneçamos na posição daquele que atribui desejo de saber ao Outro, para satisfazer aquilo que o Outro quereria, enquanto ele mesmo se satisfaz em sua anorexia mental" (p. 31).

"Saber lidar com a transferência numa comunidade de analistas, para além do respeito pela análise de cada um, seu trabalho de transferência, é também propiciar a existência de lugares de endereçamento dos escritos, ou seja, das **transferências de trabalho**" (p. 32).

Pollo, V. (2000, outubro). A partir da carta aos italianos. *Stylus. Revista de Psicanálise*, 2, 29-32. https://issuu.com/epfclbrasil/docs/stylus_02

Que Escola queremos? Elaboração acerca da Nota aos Italianos

Zilda Machado

"E por que esse dispositivo é tão importante? Para que a psicanálise não seja uma letra morta escrita em um papel em branco, mas que essa letra possa mostrar toda a sua operatividade e, assim, continuar viva enquanto a fabulosa teoria criada por Freud. É isso o que faz com que seja possível a cada um de nós ir traçando esses alinhavos na 'tessitura' da psicanálise. Podermos assim, cada um de nós, contribuirmos com o seu avanço no seio de um espaço que nos una não por um ideal, ou pretensas garantias. Mas um espaço que nos una por um desejo decidido, por uma **transferência de trabalho** à psicanálise, ao discurso analítico: a Escola de Lacan" (p. 34).

Machado, Z. (2000, outubro). Que escola queremos? Elaboração acerca da nota aos italianos. *Stylus. Revista de Psicanálise*, 2, 33-35. https://issuu.com/epfclbrasil/docs/stylus_02

Transferência e Falocentrismo

Alexandre Simões

"Juntando-se tudo isso ao que foi aqui comentado sobre os elementos que constituem o algoritmo da transferência, parece-me ser possível de se sustentar que o manejo e o metabolismo da transferência mantêm íntimas, ainda que não homogêneas, relações com o falo. Por 'metabolismo da transferência', estou fazendo referência àquilo que em nosso meio já se tornou notório: a dialética (no sentido grego de um movimento de posições, sem compromissos com síntese) entre 'trabalho de transferência' e '**transferência de trabalho**'. Gostaria de me deter um pouco mais sobre este ponto, ainda que seja às expensas do tema do manejo da transferência que, no entanto, não deixa de ser fundamental. Se mantivermos presente a passagem que extraí da *A significação do falo*, nota-se que o reordenamento do posicionamento do sujeito diante do falo ocasiona repercussões diretas sobre a transferência. E o que, em termos clínicos, teríamos como operacionalizador disto, a não ser o desejo? Em acréscimo, dado que estou por enfatizar o tema do metabolismo da transferência, eu frisaria que não se trataria aqui de um desejo que não é não importa qual, todavia, de um desejo inédito: o desejo do analista. Ao assim argumentar, não estou fazendo mais do que, juntamente de Lacan, considerar que 'é o desejo *do analista o que, em última instância, opera na psicanálise*' (Écrits, p. 854). Sabemos que apostar sobre este ponto, clinicamente falando, proporciona consequências consideráveis. Ainda que, como já deixei levemente sugerido no andamento de minha argumentação, haja sempre o nefasto risco de se proporcionar à transferência um manejo tal que, ao se contrapor às lateralidades nela atuantes, deixe abertas as vias para o encrudescimento do falocentrismo (tanto do analista quanto do analisando), isto é, para a crença de que o *agalma* consegue envolver finalmente o objeto *a*" (pp. 48-49).

Simões, A. (2000, outubro). Transferência e falocentrismo. *Stylus. Revista de Psicanálise*, 2, 43-49. https://issuu.com/epfclbrasil/docs/stylus_02

A Transferência de Trabalho e a Escola

Sonia Alberti

"A Escola não é um grupo, não tem uma Gestalt esférica, não se constitui como um todo. Fundamentalmente porque a transferência a inicia — aquela que nos faz querer saber mais alguma coisa dos textos, dos relatos clínicos de nossos casos e dos colegas, dos depoimentos dos passes e das análises, do campo das conexões. Daí também esse conceito de **transferência de trabalho** no Campo que Lacan nomeou de freudiano e nós renovamos, lacaniano. '*(...) Campo — no qual cada um abrirá caminho para demonstrar o que faz do saber que a experiência deposita*' (D'Écolage)" (p. 58).

"Não há garantia disso que se possa fazer fora do Campo, pré-condição ao vazio. Donde, na Escola, para ser de Lacan, a partir da *Proposição*, a **transferência de trabalho** centraliza, tal nó borromeano, o vazio. Isso implica a doutrina a ser construída. Na *Proposição*, Lacan sugere que ela seja produto do júri do passe, mas isso é porque Lacan construiu o passe nesse lugar central onde localizo a própria transferência na Escola — Outro que faltou quando da dissolução. Sem pressa para refazer a Escola (Lacan, 15 de janeiro de 1980), encontramo-nos nesse momento em que a sua falta obriga-nos a precisar essas observações para retomarmos a direção que queremos, na Escola que queremos. Pois poderíamos correr o risco de nos perdermos a partir de sua falta, perder a direção, a função da doutrina e da própria **transferência de trabalho** como lugar da centralização" (p. 58).

"A marca do Campo Lacaniano é o traço significante que poderá, *a priori*, funcionar como unificador para além de todo imaginário, permitindo que, a partir dele, haja espaço para o desdobramento de tantas singularidades quantas diferenças numa

transferência de trabalho em que cada um possa vir a saber sempre mais alguma coisa" (p. 59).

"Então, o que se escolhe é a maneira de fazer uso desse significante e, em se tratando de uma Escola, o que se escolhe é a maneira de como se utilizar de sua marca para nela deixar inscrita a contribuição de cada sujeito. Essa só pode ocorrer a partir da **transferência de trabalho**, aquela que supõe à Escola o não-todo" (pp. 59-60).

Alberti, S. (2000, outubro). A transferência de trabalho e a Escola. *Stylus. Revista de Psicanálise*, 2, 57-60. https://issuu.com/epfclbrasil/docs/stylus_02

Uma Escola pelo avesso

Maria Nazareth Plentz

"O discurso do analista, como o avesso ou a diversidade, leva em consideração o um a um do particular de cada sujeito aí presente no lugar do outro, é radicalmente oposto à uniformização, ao academicismo, é o eixo a ser tomado por uma escola que se quer lacaniana.

Pensá-la funcionando somente nessa estrutura discursiva seria certamente uma utopia. Pensá-la e querê-la para analisantes situa os sujeitos que aí estão como divididos em relação ao inconsciente, a Escola ocupando o lugar de agente — a — como pivô de uma **transferência de trabalho** — causa. A isso equivaleria, como efeito discursivo, que os que aí se emprestam, pois há que tê-los, para sustentar os lugares de direção, abandonassem o lugar imaginário de encarnação do mestre, para se saberem uma função. Ao 'eu sou' o passe para 'estou'" (p. 81).

Plentz, M. N. (2000, outubro). Uma Escola pelo avesso. *Stylus. Revista de Psicanálise*, 2, 79-82. https://issuu.com/epfclbrasil/docs/stylus_02

Função: Passador

Colette Chouraqui–Sepel

"Houve um tempo, no curso de minha análise, em que eu colocava que os trabalhos clínicos, ou quais eu apresentava, regularmente, no círculo de meus colegas mais próximos, mereciam ser expostos a um público maior. Eles testemunhavam minha preocupação enquanto clínica e o desejo de transmissão que me animava; eles se tornavam, assim, um material de troca, ensino que assinalava a minha **transferência de trabalho** com a Escola. Nesse contexto, eu pedi minha entrada na ECF e fui admitida" (p. 137).

Chouraqui-Sepel, C. (2000, outubro). Função: Passador. *Stylus. Revista de Psicanálise*, 2, 137-138. https://issuu.com/epfclbrasil/docs/stylus_02

É tempo de Cartel

Ana Laura Prates

"Pretendo abordar esse paradoxo intrínseco ao cartel pelo prisma do tempo. O tempo de um cartel: o que isso quer dizer? Lacan coloca um limite — dois anos, trazendo a lógica da dissolução e da permutação para o cartel. Pois é isso mesmo que o grupo não suporta, como nos lembra Freud: a ameaça da dissolução. Como poderíamos, então, pensar num tempo universal do cartel se toda a sua constituição e seu funcionamento pautam-se no particular, ou seja, no um a um, ao mesmo tempo que sustenta o laço social? Senão vejamos: quais são as condições para existência de um cartel? Eu proponho 4 + uma:

1. O desejo de estudar a partir de uma questão própria, o que se opõe ao discurso do mestre.
2. A **transferência de trabalho**, que não elimina por si só o imaginário, mas estabelece condições de possibilidade para manejá-lo.

3. O 'pretexto' (texto ou assunto) em torno do qual o trabalho será realizado.
4. A encarnação dos lugares simbólicos na estrutura do dispositivo.

Mais uma: O próprio 'mais um', que tem a difícil tarefa de evitar a cola. O 'mais', portanto, não soma, ao contrário, descompleta o conjunto" (pp. 145-146).

Prates, A. L. (2000, outubro). É tempo de cartel. *Stylus. Revista de Psicanálise*, 2, 145-147. https://issuu.com/epfclbrasil/docs/stylus_02

Da Inscrição à Dissolução: O Mais-Um e a Escola

Sueli Miranda

"Outro manejo da **transferência de trabalho** a ser considerado é o lugar dos quatro discursos, nos quais o Mais-Um opera, fazendo-os circular, embora ocupe mais frequentemente uma posição de provocação. A solidariedade entre os discursos faz parte do dia a dia de uma Escola. Se o discurso do mestre institui e o do analista destitui, a Escola é o lugar dos quatro discursos (e não dos cinco), e o cartel, por ser a célula-base, deve responder a isso" (p. 161).

Miranda, S. (2000, outubro). Da inscrição à dissolução: o Mais-um e a Escola. *Stylus. Revista de Psicanálise*, 2, 157-162. https://issuu.com/epfclbrasil/docs/stylus_02

A Nova Escola (uma que cesse de não se escrever)

Rosângela Corgosinho

"Enquanto um lugar que não é de ensino, o cartel pode ensinar por acréscimo, à medida que a '**transferência de trabalho**' faça

a sua parte, com seu funcionamento em relação com o trabalho do inconsciente. É claro, o trabalho de transferência em análise, por supor um Outro consistente, diferencia-se totalmente da '**transferência de trabalho**' no interior dos cartéis, exatamente porque aí é apontada a inconsistência do Outro. E se há ensino, só é possível transmitir psicanálise um sujeito a outro pelo viés de uma transferência àquilo que o causa. Isso se torna mais importante tendo em vista que uma comunidade de trabalho significa o que designa o termo transferência, para saber lidar com ela" (p. 173).

Corgosinho, R. (2000, outubro). A nova Escola (uma que cesse de não se escrever). *Stylus. Revista de Psicanálise*, 2, 171-174. https://issuu.com/epfclbrasil/docs/stylus_02

Que Escola queremos?

Debatedor: Alexandre Simões

[Da apresentação de Alexandre Simões:] "No texto de Marie-Jean Sauret, cujo título é *A transferência depois do passe (trabalho de transferência,* ***transferência de trabalho****, laço social),* vemos a localização da transferência ao fim do tratamento. Nessa circunstância, diz Sauret, o que se daria é o fim da tentação da representação, em outras palavras, o fim da tentação do significante de se conectar completamente com o gozo. Este recobrimento mostra-se insuficiente, o Outro do saber se desfaz" (p. 185).

[Da intervenção de Zilda Machado:] "Tomando o algoritmo da transferência, a proposta de Alexandre [Simões] é que o Sujeito suposto Saber é seu pivô, mas não é aí ponto central. Propõe que há na transferência uma lateralidade que poderia ser melhor expressa como sujeito suposto ao saber. Toma o conceito de transferência em Freud e Lacan e o articula à noção de falo, no sentido da dialética falo — privação do falo. Disso decorre o que ele propõe em seu trabalho: que o manejo e o metabolismo da

transferência, ou seja, a transmutação do trabalho de transferência em **transferência de trabalho**, tem como operador lógico o desejo do analista, o que traz repercussões sobre o falo" (p. 188).

[Da intervenção de Alba Abreu:] "Rosângela Corgosinho coloca que o projeto da associação deve instaurar o discurso do mestre para que funcione a fim de conceber e praticar um laço social que seja digno da psicanálise. Eu tomei Quinet novamente, mas em outro texto, nas suas considerações sobre os princípios dos fóruns que ele aborda assim: se a **transferência de trabalho** encarna-se em pessoas, o significante mestre, não necessariamente, pois ele teria o poder de delimitar e constituir um conjunto. Pergunto se esse poder de coletivizar não dependeria também desses laços privilegiados que a **transferência de trabalho** propõe, e como é que se faz isso verdadeiramente numa associação?" (p. 190).

[Da intervenção de Olympio Xavier:] "Sonia Alberti, de forma bem oportuna, vem nos lembrar aqui dessa **transferência de trabalho**, '*em que cada um abrirá caminho para demonstrar o que faz do saber que a experiência deposita*'. Isto é uma citação de Lacan em *D'Écolage*. O que fazer desse saber cria a possibilidade da diversidade, do estilo de cada um, justamente pelo rigor de não escamotear o impossível de se saber do inconsciente. Creio que com isso há uma limitação inevitável de um campo em que se pretende uma Escola de experiência do funcionamento desse saber. Esta Escola que abrigaria, além do impossível de se saber do inconsciente, a formulação teórica que o sustente, a aplicação deste saber à intersubjetividade, desmontando o *amoródio* em transferência, finalmente poderia acolher o estilo de cada um que espere bem dizer o seu sintoma" (p. 192).

[Da intervenção de Alexandre Simões:] "Marie-Jean Sauret — *'A transferência depois do Passe — trabalho de transferência,* ***transferência de trabalho****, laço social':* Ele começa o seu texto mostrando um percurso muito interessante da transferência na condição de um amor endereçado ao saber, e vai nos dizer, no andamento do seu texto, que há sim um destino da transferência no tratamento e ele localiza esse destino com essa terminologia: o

destino da transferência no fim do tratamento seria o fim da tentação da representação. O que viria a ser isso? Justamente a tentativa de se efetuar uma conexão completa no estilo lá do Aristófanes do abraço, dos dois seres que foram partidos ao meio, uma conexão completa entre significante e gozo. Então, o fim da tentação de transferência provavelmente é o acatamento dessa não completude, desse casamento que há mas que não é um casamento completo, harmônico entre significante e gozo" (pp. 195-196).

Simões, A., Machado, Z., & Xavier, O. (2000, outubro). Debate – Que Escola queremos? *Stylus. Revista de Psicanálise*, 2, 183-208. https://issuu.com/epfclbrasil/docs/stylus_02

STYLUS 3

É preciso saber deixar cair o Passe

Marie-Jean Sauret

"O analista pode ter uma ideia do que sucede ao analisante, mas, por definição, o analisante coloca exatamente essa ideia em xeque, como vemos no testemunho de Freud sobre análise terminável e interminável. É isso que leva o analisante a prestar contas desse ponto de passe, por falta de Outro que o faça em seu lugar. É também o que leva a fazer Escola, isto é, a constituir um endereço e uma comunidade a partir do único fato de que seu esforço de explicação com o silêncio exige companhia. Assim é a **transferência de trabalho**, em que, pelo menos em seus fundamentos, ele é antinômico à transferência analítica" (p. 33).

"A meu ver, a transferência analítica só é liquidada no ponto exato em que o tratamento permite atravessar a fantasia. O que não livra o sujeito nem da fantasia, nem do significante, nem da

transferência. É claro que se pode colocar uns e outros a serviço da **transferência de trabalho**. Mas não se recebe por milagre a ética da psicanálise como uma qualidade que não exige qualquer outro consentimento" (p. 33).

Sauret, M.-J. (2001, outubro). É preciso saber deixar cair passe. *Stylus. Revista de Psicanálise*, 3, 32-36. https://issuu.com/epfclbrasil/docs/n3_full

As repercussões do Ato Analítico

Sílmia Sobreira

"Nesse plano, a repercussão é da ordem do mais privado, do mais particular. Entretanto é lícito esperar que uma Escola possa suportar a contingência do ato analítico e oferecer-lhe apoio, caso tenha podido construir-se como uma comunidade animada pela **transferência de trabalho**, isto é, capaz de suportar a diferença. Pois o melhor que podemos oferecer à Escola é a nossa diferença, o estilo de cada um" (p. 58).

Sobreira, S. (2001, outubro). As repercussões do ato analítico. *Stylus. Revista de Psicanálise*, 3, 56-59. https://issuu.com/epfclbrasil/docs/n3_full

A formação na Escola

Ana Canedo

"Os trilhos discursivos que proveem a linguagem se entrecruzam também no discurso histérico e seus excessos e incidem na formação do analista na Escola:

- A **transferência de trabalho** que envolve a causa íntima do sujeito pode se confundir com moção de trabalho (p. 79).

Canedo, A. (2001, outubro). A formação na Escola. *Stylus. Revista de Psicanálise*, 3, 75-80. https://issuu.com/epfclbrasil/docs/n3_full

Fazer Escola: do Amor de Transferência à Transferência de Trabalho

Ana Laura Prates

"Se a iniciativa dos Fóruns do Campo Lacaniano tem um vetor, ele está, desde a origem, indicando a retomada crítica do conceito de Escola e das questões que o envolvem. Assim, cabe a nós a responsabilidade de indagarmos: que Escola queremos para a Psicanálise? E, talvez, o maior desafio seja o de suportarmos com nosso desejo uma Escola possível... O que pode, então, fazer Escola a partir do grupo dos analistas? Trabalharei essa questão pelo viés da transferência e da **transferência de trabalho**" (p. 81).

"Toda a questão é a de pensarmos como é possível, a partir da marca traumática de cada um, fazer um laço social que não se sustente nas identificações egoicas. É preciso estar atento, pois a solidão do ato analítico, assim como a singularidade da marca de gozo não são justificativas para o isolamento. Quem sabe que o Outro não existe está aberto para o laço social. Está claro que essa é a aposta de Lacan com a Escola. Podemos dizer, então, acompanhando Pereña, que o que torna possível a articulação entre a enunciação e o trabalho coletivo é a ***transferência de trabalho***.

Do que se trataria essa nova transferência? Não deixa de ser curioso verificarmos como o significante 'trabalho' está presente o tempo todo na ata de fundação da EFP, em 64. Está claro aí que não se trata da servidão voluntária, nem da posição do escravo, mas da possibilidade da criação. É a **transferência de trabalho** que sustenta o modelo institucional que Lacan está criando, na medida em que 'o ensino da Psicanálise não pode se transmitir de um sujeito a outro a não ser pelas vias de uma **transferência de trabalho**'.

(...) O dispositivo do passe, particularmente, descompleta o grupo, colocando no âmago da Escola a discussão sobre a possibilidade de transmissão da psicanálise a partir da **transferência de trabalho** e interrogando a relação entre o coletivo, representado pela instituição psicanalítica, e o particular das análises de cada sujeito" (pp. 84-85).

Prates, A. L. (2001, outubro). Fazer escola: do amor de transferência à transferência de trabalho. *Stylus. Revista de Psicanálise*, 3, 81-85. https://issuu.com/epfclbrasil/docs/n3_full

A Psicanálise e seu Destino

Maria Vitória Bittencourt

"O trabalho em grupos pequenos, que constitui também uma inovação, vem de uma ideia de Lacan de 1949, inspirada pelos reformadores da psiquiatria inglesa dos anos 40. Trata-se da teoria de Bion de pequenos grupos sem líder, em que o terapeuta sustentava o trabalho sem ocupar o lugar de comando, de pai autoritário. A **transferência de trabalho** tem um lugar central" (p. 122).

Bittencourt, M. V. (2001, outubro). A psicanálise e seu destino. *Stylus. Revista de Psicanálise*, 3, 115-125. https://issuu.com/epfclbrasil/docs/n3_full

STYLUS 4

Escola Necessária: Ato e Transmissão

Ângela Mucida

"O sujeito que passou ou passa pela experiência de análise e experimenta os efeitos do significante sobre si apenas poderá, no

fim, operar como objeto, já que, como ressalta Lacan, não é todo objeto, pois é um objeto rejeitado e, como sujeito, é apenas representado. Operar como objeto indica que o ponto fundamental de toda transmissão é demonstrar que o SSS é insustentável. Isso nos remete, ainda, à passagem do necessário da transferência do início da análise às irrupções da transferência do final. Pode-se ainda deduzir, a partir daí, os possíveis efeitos sobre a **transferência de trabalho**, ou seja, uma relação do sujeito com o saber que o atormenta, e não simplesmente uma 'eficiência do fazer'" (p. 28).

Mucida, A. (2002, dezembro). Escola necessária: ato e transmissão. *Stylus. Revista de Psicanálise*, 4, 24-32. https://issuu.com/epfclbrasil/docs/stylus_04

A Escola: Desejo do Analista e a Deriva da Pulsão

Eliane Z. Schermann

"Lacan pergunta: 'o que a psicanálise nos ensina? como transmiti-la?'. Na 'Ata de 64', ele afirma: 'na psicanálise como experiência inaugural... (que consideramos referida ao ato psicanalítico a partir do qual o desejo se modifica)..., o ensino da psicanálise não pode transmitir-se ao outro senão por vias de uma **transferência de trabalho**'. De que transferência se trata, de que trabalho se trata? No decorrer desta reflexão, destacamos que o inconsciente trabalha no sentido de 'nada querer saber d'isso'. No entanto, parodiando Aristóteles, é com a 'alma' que o analista trabalha. Ao reduzir a 'alma' a um simples suporte, o objeto *a*, um analista deixa-se conduzir pelo oco aberto pela renúncia ao gozo contingente. Esta renúncia é efeito do ato que o determinou como saber sem sujeito. É no discurso exercendo-se em função da renúncia ao gozo que se introduz o objeto *a*" (p. 64).

Schermann, E. Z. (2002, dezembro). A Escola: desejo do analista e a deriva da pulsão. *Stylus. Revista de Psicanálise*, 4, 60-67. https://issuu.com/epfclbrasil/docs/stylus_04

Sobre a Fundação da Escola

Impressões Variadas

[Das impressões de Ângela Mucida:] "Resta-nos, pois, depurar e analisar as consequências, retirando das mesmas inovações para o funcionamento. Nessa direção, Lacan nos oferece, entre outras, uma indicação, ao falar do funcionamento dos cartéis: que não se faça o Um, que se instaure um 'turbilhão', *um movimento em hélice que lhes seja propício*. Que turbilhão seremos capazes de instaurar na Escola, em termos de funcionamento? Como fazer valer a **transferência de trabalho** advinda da tensão necessária entre intensão e extensão e ao autorizar-se a si mesmo? De que forma procederá a garantia? Quais seriam os trabalhos possíveis contra o mal-estar dentro do discurso analítico?" (p. 114).

Nominé, B., Martinez, A., Mucida, A., Quinet, A., Castanet, D., Fingermann, D., & Saporiti, E. (2002, dezembro). Entrevistas: sobre a fundação da Escola. Impressões variadas. *Stylus. Revista de Psicanálise*, 4, 109-121. https://issuu.com/epfclbrasil/docs/stylus_04

STYLUS 17

A Psicanálise e o Campo Lacaniano no Brasil hoje

Andréa Brunetto *entrevista* Sonia Alberti

"1) Um crescimento muito significativo da comunidade nesses primeiros dez anos. Quando começamos, em 1998, a grande maioria dos participantes era egressa da Associação Mundial de Psicanálise na qual ocorreu a cisão à qual me referi; hoje, dez anos depois, há muito mais membros na IF-EPFCL que se associaram

a partir do trabalho feito por nós, provocando **transferências de trabalho** em múltiplas latitudes e longitudes, de forma que inúmeros membros da IF-EPFCL têm somente essa referência à Escola de Lacan e, sem dúvida, aumenta ainda mais a responsabilidade que a IF-EPFCL tem no mundo!" (p. 122).

Alberti, S. (2008, novembro). A psicanálise e o Campo Lacaniano no Brasil hoje. Entrevista concedida a Andréa Brunetto. *Stylus. Revista de Psicanálise*, 17, 119-128. https://issuu.com/epfclbrasil/docs/stylus_-_revista_de_psicanalise

STYLUS 27

Destinos do Amor ao Saber

Maria Vitória Bittencourt

"Este artigo visa a abordar o amor de transferência, retomado em uma pergunta que coloquei antes da fundação de nossa Escola, época em que não tínhamos ainda o dispositivo do passe e que discutíamos sua instauração: aquela do destino do amor de transferência no fim da análise e suas consequências para a Escola. Uma resposta havia surgido, a de que esse destino estaria definido pela noção de **transferência de trabalho**, introduzida por Lacan (1964/2001, p. 236) na fundação da sua Escola: 'O ensino da psicanálise só pode se transmitir de um sujeito para o outro pelas vias de uma **transferência de trabalho**'. Não creio que essa noção possa responder à questão, pois vimos como ela pôde ser usada na sua vertente militante de exaltação, desviando a ideia de Lacan que situa esta transferência no trabalho do cartel. Noção que pode conduzir à transferência de massa, fazendo consistir um Outro unário" (p. 23).

"Quanto à **transferência de trabalho** que não deixa de se referir a um amor à Escola, deixemos esse amor onde Lacan o situa — em sua função de remediar um defeito que é sempre de ordem estrutural. E cada um deve inventar sua solução enquanto agente desse destino particular que seu inconsciente determina" (p. 26).

Bittencourt, M. V. (2013, outubro). Destinos do amor ao saber. *Stylus. Revista de Psicanálise*, 27, 23-28. https://issuu.com/epfclbrasil/docs/book_stylus27_digital

STYLUS 28

O Campo Lacaniano e o Desejo

Ronaldo Torres

"Que as coletivizações não escapem ao empuxo do Um, esse Um da unificação que promete a relação sexual, que se lança pelo semblante de S_1 como exceção, mas que se sustenta naquilo de fantasia que se repete nos ditos dos uns contáveis ao infinito, disso temos experiências suficientes. Porém, nossa experiência também nos dá provas de que o laço social não se sustenta exclusivamente por tal forma discursiva. A causa como furo do desejo, digo, o desejo enquanto furo, aquilo que Lacan buscou transmitir, dizer, com o desejo do discurso do analista, desejo de analista, ou também, **transferência de trabalho**, ato do psicanalista e outras invenções, está aí no coração de nossa experiência para se dizer" (pp. 28-29).

Torres, R. (2014, junho). O Campo Lacaniano e o desejo. *Stylus. Revista de Psicanálise,* 28, 25-31. https://issuu.com/epfclbrasil/docs/stylus_28_digital

STYLUS 29

Possibilidade de uma Ética não Individualista da Psicanálise

Colette Soler

"Vejam aí, no fundo, a identidade não precária da separação, que não tem nada a ver com uma identificação, como nós já dissemos, e que introduz o problema da ética não individualista. Por que esses falasseres, cada um com sua unaridade sintomática, como eles se articulam no laço social? A questão poderia se colocar em dois níveis, mas tem uma que me interessa aqui. O primeiro nível, que eu não vou desenvolver, é como um analisado se coloca nos laços sociais de sua época, é uma questão. A outra, que é mais importante para a gente, é a da possibilidade de uma Escola na própria psicanálise, porque a Escola é pensada por Lacan como um laço social. É por isso que ele evoca, antes de mais nada, a **transferência de trabalho**, que faz laço entre uns e os outros. O que é preciso para levar um analisado à Escola? Vou dizer de uma forma bem tola. É preciso que ele tenha sentimento de que o que apreendeu e experimentou em sua análise valeu suficientemente a pena para que outros também possam experimentar. Não se trata de caridade, não tem nada que ver com caridade. É que o que pareceu tão importante, para mim, pode também levar outros a quererem, a desejarem seguir na mesma direção" (p. 28).

Soler, C. (2014, novembro). Possibilidade de uma ética não individualista da psicanálise. *Stylus. Revista de Psicanálise,* 29, 23-29. https://issuu.com/epfclbrasil/docs/epfcl_revista-stylus-29

Conflitos entre Psicanalistas e Impasses Fálicos da Brasilidade

Christian Ingo Lenz Dunker *e* Fuad Kyrillos Neto

"O *ato do psicanalista,* como ato que se adianta ao sujeito que ele cria retrospectivamente, ataca outro ponto da questão. Uma vez que o desejo do psicanalista é um acontecimento concernente à experiência relativamente privada do tratamento, como regular sua articulação com o espaço público? A crítica potencial contida na noção de ato limita e desequilibra a correspondência entre privado e público. Limita a correspondência ao ato de cada novo psicanalista de autorizar-se como tal segundo sua análise. Desequilibra a fixação desse ato ao regime de reconhecimento consensual e espontâneo, pelo recurso ao dispositivo do passe. Por meio dele uma experiência privada, idiossincrática e culturalmente específica de tratamento pode ser publicamente reconhecida, nomeada e inscrita institucionalmente. A nomeação como AE (Analista de Escola) é um evento de considerável falicização, mas ela seria compensada pela orientação para a ***transferência de trabalho***, para a *crítica do funcionamento da escola* e para a desconstrução dos sintomas identificatórios convencionais, gerados pelo conflito fálico entre analistas. Temos assim uma espécie de complemento da ética da convicção, expressa pelo desejo do psicanalista, na ética da responsabilidade, atinente ao seu compromisso com a transmissão" (pp. 69-70).

Dunker, C. I. L., & Kyrillos Neto, F. (2014, novembro). Conflitos entre psicanalistas e impasses fálicos da brasilidade. *Stylus. Revista de Psicanálise,* 29, 67-84. https://issuu.com/epfclbrasil/docs/epfcl_revista-stylus-29

O Psicanalista e a Errância de seu Desejo: um olhar sobre as vicissitudes de um ofício tão particular...

Leandro Alves Rodrigues Dos Santos

"Deve e pode contar também com a ajuda e o acolhimento dos pares, que poderia ser mais frequente e mais disponível, tanto dentro quanto fora das instituições psicanalíticas, pois noto que essa temática ultrapassa o terreno da análise e da supervisão. Talvez seja o lado mais nobre do que chamamos de **transferência de trabalho**, tema abordado insuficientemente em nossas produções e pesquisas" (p. 121).

Santos, L. A. R. (2014, novembro). O psicanalista e a errância de seu desejo: um olhar sobre as vicissitudes de um ofício tão particular... *Stylus. Revista de Psicanálise,* 29, 113-123. https://issuu.com/epfclbrasil/docs/epfcl_revista-stylus-29

STYLUS 31

A Provocação do Mais-Um como Possibilidade de um Laço Diferenciado

Elynes Barros Lima

"Para amenizar os efeitos dos fenômenos de grupo, próprios a todo ajuntamento humano, Lacan (1971) institui, na 'Ata de fundação' de sua Escola, o cartel. Que tipo de ligação Lacan propõe ao instituir o cartel? Retomando o texto da 'Ata de fundação', lemos: 'Para execução do trabalho, adotaremos o princípio de uma elaboração apoiada num pequeno grupo' (Lacan, 1971/2003, p. 235).

Depreende-se daí que a ligação entre os membros desse grupo pequeno está apoiada na execução de um trabalho; seus membros estarão ligados por uma **transferência de trabalho**. Aqui podemos salientar a contribuição de Lacan ao conceito de transferência, como amor que tem todas as características do amor comum, mas é amor que se dirige ao saber" (p. 208).

Lima, E. B. (2015, outubro). A provocação do Mais-Um como possibilidade de um laço diferenciado. *Stylus. Revista de Psicanálise,* 31, 207-211. https://issuu.com/epfclbrasil/docs/stylus_31_digital_0cc635d76273b0

STYLUS 32

Desenlace da Transferência

Bernard Nominé

"Ao final dessa conferência, percebo que não falei de **transferência de trabalho**. Em certa época, costumávamos falar da **transferência de trabalho** como desenlace habitual da transferência e como laço entre colegas em nossa comunidade. Fui buscar em meus arquivos referências de Lacan sobre essa questão. Lacan pouco falou de **transferência de trabalho**. Encontrei somente uma referência. Está no 'Ato de fundação', de 1964.

'O ensino da psicanálise somente pode transmitir-se de um sujeito ao outro pela via de uma **transferência de trabalho**'. E acrescenta que os seminários, inclusive o seu, 'não fundarão nada se não remeterem a essa transferência'.

A **transferência de trabalho**, de que tanto falavam no âmbito lacaniano, não pode remeter a fenômenos de massa, como

identificação ou submissão a ordens superegoicas. Quando vemos que todos trabalham na mesma linha, com a mesma perspectiva, usando as mesmas palavras, não acho que tenha a ver com **transferência de trabalho**.

O termo **transferência de trabalho** mereceria esclarecimentos. A transferência de saber, agora sabemos o que é, situa no Outro o saber que não sabemos que, na realidade, é nosso. A transferência do objeto, também vemos o que é: situar no Outro esse objeto que nos estorva. Assim, transferência de saber e transferência do objeto agem no mesmo sentido, ou seja, do analisante ao analista.

Mas, falar de **transferência de trabalho** indica, a meu ver, que o que se transmite ao final da cura é o trabalho e se transmite do analista para o analisante que, ao final da cura, já não necessita da presença do analista para continuar o seu trabalho analisante. Então, a **transferência de trabalho** não teria que fazer com que todos trabalhem no mesmo sentido, imitando um trabalhador ideal, figura do Outro da transferência.

A **transferência de trabalho** é outra coisa que a transferência à obra de Freud ou ao ensino de Lacan. Não basta supor o saber a Freud ou a Lacan e apoiar-se em seus trabalhos para testemunhar uma transferência de trabalho. Trata-se antes de apoiar em seu próprio trabalho fundado na transferência estabelecida em seu próprio percurso na análise" (pp. 43-44).

Nominé, B. (2016, junho). Desenlace da transferência. *Stylus. Revista de Psicanálise,* 32, 37-45. https://issuu.com/epfclbrasil/docs/stylus_32_digital

STYLUS 33

Problemas cruciais para a formação do Analista na atualidade: o Sujeito suposto Saber em questão

Ronaldo Torres

"Depois da queda do sujeito suposto saber, depois de uma destituição dessa apresentação da transferência, talvez possamos contar com essa outra apresentação, da atualização da realidade do inconsciente, mas talvez não mais na vertente simbólica que isso toca e, talvez, como atualização do real do inconsciente no discurso do analista. Daí a ideia do avesso.

Isso para retomar a vertente do infinito, porque fazia essa diferenciação quando falei de destituição e formação. Na destituição há uma posição finita, ao passo que na formação é importante que não haja, que ela continue fazendo laço — o nosso laço entre analistas, o laço de cada psicanalista com sua própria formação e o laço com as pessoas que se aproximam, que buscam formação.

Lacan deu um nome para isso: **transferência de trabalho**. Ele não tratou muito disso. Então temos essas formas de se referir sobre a transferência: 'atualização da realidade do inconsciente', 'sujeito suposto saber' e, depois, aparece esse dizer sobre a **transferência de trabalho**, essa forma de atualização. Se pensarmos em usar essa maneira de se referir à transferência, como uma atualização do real do inconsciente, considero importante pensá-la como 'um a cada vez', não pelo modo do necessário, mas talvez do contingente, aquilo que ele definiu como o que cessa de não se escrever. E de fato nossa experiência coletiva demonstra que não há garantias sobre isso. Se há alguma coisa do analítico, do discurso do analista no laço social, e acredito que há, isso não é realmente da ordem do necessário" (p. 24).

Torres, R. (2016, novembro). Problemas cruciais para a formação do analista na atualidade: o sujeito suposto saber em questão. *Stylus. Revista de Psicanálise,* 33, 11-26. https://issuu.com/epfclbrasil/docs/stylus_33_v4

STYLUS 34

O Ensino e a Transmissão da Psicanálise

Andréa Hortélio Fernandes

"Nominé retoma este ponto ao abordar o fato de que, em certa época, entre os analistas, se defendia que a **transferência de trabalho** seria o desenlace da transferência. A **transferência de trabalho** Nominé define como:

'[...] o que se transmite ao final da cura é o trabalho e se transmite do analista para o analisante que, ao final da cura, já não necessita da presença do analista para continuar seu trabalho de analisante. [...]. Trata-se, antes, de se apoiar em seu próprio trabalho fundado na transferência estabelecida em seu percurso na análise (Nominé, 2016, p. 44)'" (p. 99).

Fernandes, A. H. (2017, agosto). O ensino e a transmissão da psicanálise. *Stylus. Revista de Psicanálise,* 34, 93-102. https://doi.org/10.31683/stylus.v0i34.28

*AE*SCOLA

Vera Iaconelli

"Segundo Dunker (2014, p. 69-70): Por meio dele (o dispositivo do passe) uma experiência privada, idiossincrática e

culturalmente específica de tratamento pode ser publicamente reconhecida, nomeada e inscrita institucionalmente. A nomeação como AE (Analista de Escola) é um evento de considerável falicização, mas ela seria compensada pela orientação para a ***transferência de trabalho***, para a *crítica do funcionamento da escola* e para a desconstrução dos sintomas identificatórios convencionais, gerados pelo conflito fálico entre analistas." (p. 140).

"O AE, ao sustentar o furo do saber sobre a análise, se empenha em permitir que a transferência analítica, que a Escola promove ou herda, venha a dar lugar à **transferência de trabalho**, contingencialmente. E que a nomeação de AE, em vez de sustentar consistências, com sorte, pode fazer borda neste furo, como indica o jogo com iniciais de seu nome em português: ***AE***scola" (p. 143).

Iaconelli, V. (2017, agosto). *AE*scola. *Stylus. Revista de Psicanálise,* 34, 139-144. http://stylus.emnuvens.com.br/cs/article/view/33

STYLUS 36

Uma *Re-Volta* a mais no Ensino e na Transmissão... para continuar fazendo Escola *em* Fórum

Rita Bícego Vogelaar

"E, quando falo em 'fazer Escola *em* Fórum', quando brinco com essa preposição (que faz referência à preposição *entre*), é para aludir, para privilegiar e para não esquecermos nossos laços, o que os orienta e a importância de sua natureza. Nossos laços são de trabalho (**transferência de trabalho**), e por eles passa nosso pertencimento a uma Escola, bem como os dispositivos do cartel e do passe que favorecem e propiciam, na Escola, esse tipo de laço" (p. 87).

"Parto aqui de colocações que encontrei na *Estranheza da psicanálise*, livro escrito por Quinet (2009) e que, desde que o resenhei para a *Stylus* há alguns anos, sempre retomo. O fato, eu confesso, é que estou sempre às voltas com a 'estranheza da psicanálise'.

'O ensino da psicanálise deve ser pensado a partir da posição do analisante: quem ensina é o sujeito dividido. Assim como o analisante que elabora o saber inconsciente em sua própria análise, o ensinante é um trabalhador cuja construção de saber é ordenada por aquilo que não sabe, mas interroga. Dessa maneira, é colocada em jogo no ensino da psicanálise. . . a **transferência de trabalho** em que o ensinante[,] dividido por uma questão, endereça sua elaboração àquele que ele pretende que produza também um saber.'" (Quinet, 2009, p. 55) (p. 87).

Vogelaar, R. B. (2018, julho). Uma *re-volta* a mais no ensino e na transmissão... para continuar fazendo Escola *em* Fórum. *Stylus. Revista de Psicanálise,* 36, 85-89. http://stylus.emnuvens.com.br/cs/article/view/227

Quando há Cartel?

Carolina Escobar de Almeida Prado

"Tomado por isso, Lacan decide romper seu vínculo com a IPA e, em junho de 1964, escreve o *Ato de fundação* de sua Escola (Escola Francesa de Psicanálise). Nesse movimento, propõe que, no cerne da Escola, estariam duas formas peculiares de experimentar e transmitir a experiência psicanalítica: o passe e o cartel.

Sua compreensão da formação do analista é caracterizada por um ineditismo provocativo, uma vez que os dois dispositivos que ele inventa como proposta partem da premissa de que '(...) o ensino da psicanálise só pode transmitir-se de um sujeito para outro pelas vias da **transferência de trabalho**' (Lacan, 1964/2003, p. 242)" (p. 133).

Prado, C. E. A. P. (2018, julho). Quando há cartel? *Stylus. Revista de Psicanálise,* 36, 131-136. http://stylus.emnuvens.com.br/cs/article/view/255

STYLUS 37

O Cartel, Corpo Analisante no Campo *Laico*-Niano

Matías Buttini, *tradução de* Wilson Alves-Bezerra

"Por outro lado, o cartel toma outra forma da demanda, a qual Lacan chamou de **transferência de trabalho**, o reverso do trabalho da transferência, pluralizada. Tal inversão, como luva do avesso, habilitaria lugares bem diferentes quanto à relação entre saber, Escola e esses uns que a compõem. Uma *Escolanalisante*, holófrase que já usei certa vez (Buttini, 2011), implica a decomposição analítica no interior de outro laço (Buttini, 2016a). Ana-lysis, ruptura dos laços no interior de outro laço. O cartel, novamente, apoia-se em um discurso destinado à sua dissolução com a esperança de produzir um trabalho de transferência no âmbito da Escola. Assim, podemos concebê-lo como dispositivo intermediário entre o passe e a análise. A Escola é corpo falante" (p. 122).

"Então, se entendermos a abstinência como uma versão freudiana da função *desejo do analista,* poderemos dizer que a abstinência do mais-um que propomos é o *plus* que pode situar as coisas de outra maneira, em planos diferentes daqueles do grupo de estudo:

1. Não se paga o saber com dinheiro.
2. Não há um S_2, constituído no lugar do Outro ao qual se dirige uma demanda de saber, e sim uma circularidade reversível à maneira moebiana, com a Escola.

3. Lá não se espera — como na análise e na suposição de saber — a promessa de obter aquilo de que se carece ou de se desembaraçar do que se acredita que está sobrando.
4. Lá — nem sempre acontece, por isso uso a forma potencial — pode acontecer o encontro entre colegas e uma **transferência de trabalho**, transferir no sentido mais original do termo, aquele que Freud usou pela primeira vez no *Traumdeutung*, deslocamento e, então, movimento do saber" (p. 123).

"Comecei criticando a ideia do *grupo de estudo* como incompatível com nossa Escola. Em seu lugar, sem dúvida, o cartel é o dispositivo que permitiria que os dizeres se desloquem e não fiquem estancados. Tal como comentou Colette Soler, em outubro de 2017, no Espaço Escola do FARP (inédito), o cartel é o *verdadeiro* dispositivo de Escola, porque a **transferência de trabalho** circula, e não está necessariamente orientada nem fixada" (p.125).

Buttini, M. (2018, dezembro). O cartel, corpo analisante no campo *laico*-niano. *Stylus. Revista de Psicanálise,* 37, 105-131. http://stylus.emnuvens.com.br/cs/article/view/303

HETERIDADE

HETERIDADE 7

Um Novo Tempo para o Sujeito que se dá a partir do Enfrentamento do Real existente no Intervalo Significante

Robson Mello

"Só o tempo próprio à análise — com o corte que faz separar o sujeito do significante do seu gozo repetidor — é capaz de fazer com que o Outro do S_2 possa cair e, então, o sujeito possa se descobrir ante o recalcado que, agora, se faz novo a partir do deciframento do sintoma que sempre se fez seu parceiro. Resta tão somente ao sujeito, agora tendo como parceiros o resto do seu sintoma, a sua verdade, o seu desejo e a sua castração. No lugar de um Outro, que agora é inexistente, e para o qual ele sempre se dirigiu, o sujeito põe, com sua capacidade criativa, se quiser, a causa analítica e a Escola de Psicanálise orientada por Freud e por Lacan, que possibilitará o surgimento das trocas entre seus pares, das formulações, do estudo, e também dos impasses. S_1 = transferência analítica ao S_2 = **transferência de trabalho**. Mas, mesmo sendo assim, e exatamente por isso, revela algo do resto

significante com o qual todo sujeito tem de lidar em sua vida. O que fazer com o resto no âmbito da solidão que toca na verdade do sujeito? Para onde destiná-lo? A Escola o acolhe e o recebe sob os nomes da verdade de cada sujeito e de sua castração, que, agora, se desdobram em produção e trabalho. Talvez a Escola possa vir a representar, mesmo, o quão difícil é para o sujeito lidar com o tempo para que se fique só e, ao mesmo tempo, ratificar seu mais radical tempo de solidão e desamparo frente ao outro. Daí vermos a solidariedade como fator tão valioso na Escola de Lacan. S_1 = solidão do sintoma analítico ao S_2 = solidão da sua verdade com seus pares" (pp. 141-142).

Mello, R. (2008). Um novo tempo para o sujeito que se dá a partir do enfrentamento do real existente no intervalo significante. *Heteridade*, 7, 140-142. https://www.champlacanien.net/public/docu/4/heterite7.pdf

HETERIDADE 8

Editorial

Lola López

"Essas linhas, em guisa de Editorial, pretenderam oferecer uma breve apresentação de *Heteridade 8*, na qual se reflete o dinamismo de nossa Escola, que cria **transferência de trabalho** entre seus membros, tal como mostra a participação de muitos colegas que contribuíram, através de suas produções, para que possa vir a público" (p. 7).

Lopez, L. (2010). Editorial. *Heteridade*, 8, 6-7. https://www.champlacanien.net/public/docu/4/heterite8.pdf

HETERIDADE 12

Promessa de Dissolução como possibilidade de Laço. O Paradoxo da Comunidade dos Dispersos Disparatados[1]

Daniella Ferri

"A Patagônia é terra fértil para a solidão, grandes distâncias geográficas, longe das grandes 'urbes da psicanálise'. O desejo de analista opera, enquanto o desejo de psicanálise é sustentado decididamente em uma **transferência de trabalho**, colocamos a trabalhar a solidão com outros, oferecendo esse resto sabido que somos, sem possibilidade de ser um todo. Desejo de analista, sustentado em

[1][Tradução nossa] No original: "***Promesa de disolución como posibilidad de lazo. La paradoja de la comunidad de los dispersos dispares***. *— La Patagonia es tierra fértil para la soledad, grandes distancias geográficas, lejos de las grandes 'urbes del psicoanálisis'. El deseo de analista opera, en tanto el deseo de psicoanálisis es sostenido decididamente en una* ***transferencia de trabajo****, ponemos a trabajar la soledad con otros, ofreciendo ese resto sabido que somos, sin posibilidades de ser un todo. Deseo de analista, sostenido en un trabajo con otros, sin sujeto supuesto al saber que comande, sino con un saber hacer propio, a transmitir"* (p. 362).

"Los foros, tienen como horizonte la Escuela. Estos funcionan en ***transferencia de trabajo****. No podemos pensar a esta última, como privativa del fin de análisis, donde quedaría discernido el deseo de analista, sino como una transferencia que sostiene o se sostiene en el deseo de psicoanálisis. El trabajo de transferencia supone que hay una demanda a un Sujeto Supuesto Saber. Erigiendo a alguien un lugar Amo. Es necesario que el trabajo de transferencia devenga* ***transferencia de trabajo****. El analista, movido por el deseo de analista, se sabe 'Uno discreto de goce', eso le advierte de que la cosa no funciona en torno a un Uno unificante. El deseo de psicoanálisis es la transferencia al psicoanálisis, no más que eso. Son los analistas los que interrogan al psicoanálisis para que responda…aun. Eso es una transferencia, esperar una respuesta, y el modo en que se la espera y de quien se la espera hace a la diferencia del lazo que nos une con el supuesto saber. Cuando el deseo de psicoanálisis y el deseo de analista empujan, la masa no se sostiene, los lazos se disuelven y algunos apostamos a trabajar con otros. Esta es mi experiencia. La* ***transferencia de trabajo*** *y la promesa de disolución son operadores que se articulan en el deseo de psicoanálisis"* (p. 363).

*"Soler sostiene: 'Lacan busca mostrar que el lazo entre analistas es un lazo original, a no confundir con el lazo de cada uno al amo, al guía…es además un lazo que tiene un fin posible del que hay que definir las condiciones'. Tomare el 'fin' como final, en torno a la 'promesa de disolución' y como finalidad, en torno a la '****transferencia de trabajo****'. Así el fin conjuga y enlaza la relación entre estos dos términos. 'La enseñanza del psicoanálisis solo puede transmitirse de un sujeto al otro por las vías de una* ***transferencia de trabajo****'. Uno por uno"* (p. 364).

um trabalho com outros, sem sujeito suposto ao saber que comande, mas com um saber fazer próprio, a transmitir" (p. 362).

"Os fóruns têm como horizonte a Escola. Funcionam em **transferência de trabalho**. Não podemos pensá-la como privativa do final de análise, quando ficaria discernido o desejo de analista, e sim como uma transferência que sustenta ou que se sustenta no desejo de psicanálise. O trabalho de transferência supõe que haja uma demanda a um Sujeito Suposto Saber. Erigindo alguém a um lugar de Amo. É preciso que do trabalho de transferência advenha a **transferência de trabalho**. O analista, movido pelo desejo de analista, se sabe 'Um discreto de gozo', isso o adverte de que a coisa não funciona ao redor de Um unificante. O desejo de psicanálise é a transferência à psicanálise, nada mais do que isso. São os analistas os que interrogam a psicanálise para que responda... ainda. Isso é uma transferência, esperar uma resposta, e o modo como se a espera e de quem se espera faz a diferença em relação ao laço que nos une com o suposto saber.

Quando o desejo de psicanálise e o desejo de analista empurram, a massa não se sustenta, os laços se dissolvem e alguns apostam no trabalho com outros. Essa é minha experiência. A **transferência de trabalho** e a promessa de dissolução são operadores que se articulam no desejo de psicanálise" (p. 363).

"Soler afirma: 'Lacan busca mostrar que o laço entre analistas é um laço original, que não deve ser confundido com o laço de cada um com o amo, com o guia... é, ademais, um laço que tem um fim possível sobre o qual é preciso definir as condições'. Tomarei o 'fim' como final, acerca da promessa de dissolução, e como finalidade, acerca da '**transferência de trabalho**'. Assim, o fim conjuga e enlaça a relação entre esses dois termos. 'O ensino da psicanálise só se pode transmitir de um sujeito a outro pela via de uma transferência de trabalho'. Um por um" (p. 364).

Ferri, D. (2016). Promessa de dissolução como possibilidade de laço. O paradoxo da comunidade dos dispersos disparatados. *Heteridade*, 12, 362-365. https://www.champlacanien.net/public/docu/4/heterite12.pdf

WUNSCH

WUNSCH 6

Cartel!... para não dormir sobre os louros!

Blanca Sánchez Gimeno

"O passe é o outro grande pilar da Escola pensada por Lacan. Formulo a pergunta que orienta esta reflexão: seria possível uma Escola do Passe sem que seus membros passem assiduamente por um cartel? E proponho como o âmago destas linhas que há uma sólida conexão vinculando cartel e passe, que cartéis e passe são solidários. Para que possa emergir esse desejo inédito do psicanalista e dele se queira dar provas no dispositivo do passe, existem algumas condições de Escola suficientes para que esse desejo circule. Essas condições só podem efetuar-se pelo trabalho constante e de vários em cartéis. Ninguém se sustenta sozinho em seu desejo, e o cartel me parece o dispositivo adequado para essa função. Esse pequeno grupo que é o cartel não se sustenta no amor a um líder nem na espera de respostas do Um que saberia, mas se enoda alimentado pela **transferência de trabalho** e pela circulação do desejo" (p. 8).

Sánchez Gimeno, B. (2007). Cartel!... Para não dormir sobre os louros! *Wunsch*, 6, 8-9. https://www.champlacanien.net/public/docu/4/wunsch6.pdf

WUNSCH 8

Como se nomeia um *AE*? A *Varidade* do Passe

Antonio Quinet

O TERMO DA TRANSFERÊNCIA

"Lacan se refere na 'Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o analista da Escola' ao *termo* da relação da transferência quando, em sua resolução, o desejo não espera mais nenhum objeto que o satisfaça, o que corresponde à travessia da fantasia e à destituição subjetiva. Trata-se da queda do sujeito suposto saber, da desvinculação do desejo do sujeito do desejo do Outro suportado pelo analista, tendo como resultado que o analista não ocupa mais o lugar de objeto na fantasia do sujeito, e o desejo é então experimentado como 'sem o Outro'. O desejo do analista é uma incógnita 'x' que o analisante deve resolver no final de sua análise para poder largar o analista e terminá-la. Em termos analíticos, o desejo, ao termo da transferência, não espera mais nada, não espera a promessa de satisfação, de realização — é pura falta. O que significa que antes ele esperava receber — receber um complemento de ser para satisfazer o sujeito em sua falta de ser, o sujeito como falta-a-ser. Quando o desejo se 'resolve', nesse momento a causa da transferência, longe de se liquidar, se desaloja do analista e se torna causa analítica. A causa não foi liquidada, mas houve resolução da transferência. A relação transferencial analítica

tem um termo que é estrutural e lógico. Sustentar que ela nunca termina é uma impostura equivalente a sustentar que, após encontrar a inconsistência do Outro na análise, o sujeito reconstitui o Outro na Escola através da **transferência de trabalho**. Isso é um modelo carreirista. Não é obrigatório, nem necessário, que a transferência analítica se transforme em **transferência de trabalho**" (pp. 14-15).

Quinet, A. (2010, abril). 2. Como se nomeia um AE? A *varidade* do passe. *Wunsch*, 8, 14-18. https://www.champlacanien.net/public/docu/4/wunsch8.pdf

A Escola: Campo de Possibilidades — Construção de um Saber sobre o Impossível

Gladys Mattalia

"De minha parte, e para alegria de nossa comunidade e de nossa **transferência de trabalho**, não constato que os nomeados AE (os que conheço e os que não conheço, mas li a respeito) se tenham inflado *narcinisticamente*, se tenham enfatuado, e andem pela vida como *funcionários* da Escola. Ser *dejeto da humanidade* é o que há de mais distante de um eu presunçoso. A lucidez lacaniana foi marcar o fugaz da experiência que deve ser renovada ao se outorgar esse título por apenas três anos. Uma vida curta, por certo!... Aproveita-se então o tempo que dura ou se passa sem deixar rastro. Alguns colegas AE de nossa EPFCL vão deixando rastros de sua passagem, e isso não é *sem consequências* para toda a comunidade analítica. Um exemplo disso foi a atividade de Escola em Tucumán (Norte da Argentina) que fizemos recentemente com Patricia Muñoz do Fórum de Medellín (Colômbia). Desta atividade participaram alunos do Colégio Clínico e colegas que nunca haviam refletido sobre temas de Escola" (p. 34).

Mattalia, G. (2010, abril). A Escola: campo de possibilidades — construção de um saber sobre o impossível. *Wunsch*, 8, 32-35. https://www.champlacanien.net/public/docu/4/wunsch8.pdf

Como a Escola orienta o Ensino da Psicanálise na Universidade?

Sonia Alberti

"Terceiro nível de questionamento: em meu texto '***Transferência de trabalho*** e a universidade', publicado na Revista *Psicologia USP*, de 2004, número 14, inteiramente dedicado a homenagear nosso colega Luiz Carlos Nogueira — para quem não sabe, ele era Professor de Psicologia na Universidade de São Paulo e, ao mesmo tempo, estava Diretor do Fórum do Campo Lacaniano de São Paulo quando faleceu –, pude, eu mesma, escrever as seguintes palavras, atribuindo ao colega algumas ideias que haviam passado em minha cabeça" (p. 47).

A UNIVERSIDADE E A **TRANSFERÊNCIA DE TRABALHO**

(...)

"No 'Ato de fundação' da Escola da Causa freudiana, de 1964, Lacan propõe um sintagma que me parece ser de grande interesse para essa questão. Trata-se da **transferência de trabalho**. Cito: 'O ensino da psicanálise só pode se transmitir de um sujeito a outro e isso pela via de uma **transferência de trabalho**' (Lacan, 1964). Se a clínica psicanalítica — onde se presentifica o trabalho na transferência — é o lugar privilegiado para transmitir a psicanálise, e se existe uma vertente dessa mesma clínica que é interminável (Freud, 1937), então há que haver lugar para a **transferência de trabalho** num prolongamento da própria transmissão da psicanálise. Já não seria o lugar para um trabalho em transferência — o da psicanálise propriamente dita —, mas

um lugar em que a **transferência de trabalho** permite persistir na produção da psicanálise como discurso que subverte — em recuo — o discurso dominante. Tal lugar é, em princípio, a escola de psicanálise, como o diz Lacan na ata de sua fundação. Mas para o psicanalista — definido como produto de uma análise — que nunca deixou de trabalhar na escola de psicanálise e que, ao mesmo tempo sempre esteve presente na universidade, é possível presentifica na universidade a subversão discursiva descrita, reafirmando nesse outro contexto uma **transferência de trabalho** — único meio de ensinar a psicanálise. De um sujeito a outro..., esse é o possível método de ensino da psicanálise também na universidade, se o professor pode sustentar a via de transmissão que se fundamenta na causalidade psíquica" (pp. 47-48).

Alberti, S. (2010, abril). Como a Escola orienta o ensino da psicanálise na universidade? *Wunsch*, 8, 46-49. https://www.champlacanien.net/public/docu/4/wunsch8.pdf

As Satisfações de Passes?

Colette Soler

"Fiquei impressionada pela reação de afeto que nosso cartel teve, inclusive eu mesma, no momento da escuta dos passes que tivemos: um efeito de elação discreto mas bem sensível e diferente em cada passe. Não falo da satisfação que surge do trabalho em conjunto para elaborar a resposta, pois essa satisfação não concerne propriamente ao dispositivo, mas a **transferência de trabalho** que está em jogo em qualquer cartel, qualquer que seja seu objeto. Falo daquela que concerne à escuta, a primeira coleta do testemunho transmitido pelos passadores. Não foi a primeira vez que encontrava isso, pois um dos cartéis do CIG precedente havia evocado, no Rio, a mesma reação que havia surpreendido, inclusive incomodado mais de um dos membros" (p. 54).

Soler, C. (2010, abril). As satisfações de passes? *Wunsch*, 8, 54-56. https://www.champlacanien.net/public/docu/4/wunsch8.pdf

WUNSCH 9

O que nos convenceu[1]

Contribuição do Cartel 3

"Com efeito, dentro do nosso cartel, uma atmosfera de relaxamento permitiu que se estabelecesse uma boa **transferência de trabalho** e que os testemunhos fossem transmitidos independentemente dos conhecimentos anteriormente adquiridos, fazendo, assim, frente à particularidade de cada caso, o que Lacan ressalta como necessário na Conferência de Genebra. Essa atmosfera também permitiu que, dentro do debate, cada um tenha podido dar a sua opinião, tendo por resultado um acordo geral e uma decisão coletiva que partiu de cada decisão íntima e pessoal. Essa nomeação foi, portanto, feita por unanimidade, não tendo sido necessário que qualquer um de nós tenha tido que convencer os outros quatro. O mesmo ocorreu com as não nomeações, confirmando que algo teria se imposto, que alguma coisa 'passou', ou não, apesar das diferenças" (p. 52).

[1][Tradução nossa] No original: "*De fait, dans notre cartel une atmosphère détendue a permis que s'établisse un bon* ***transfert de travail*** *et que les témoignages soient transmis indépendamment des connaissances acquises au préalable et ainsi de faire face à la particularité de chaque cas, ce dont Lacan souligne la nécessité dans la conférence de Genève. Cette atmosphère a aussi permis que dans le débat chacun ait pu donner son avis avec pour résultat un accord général et une décision collective à partir de chaque décision particulière et intime. Cette nomination a donc été faite à l'unanimité, aucun d'entre nous n'ayant eu à convaincre quiconque des quatre autres. Il en a été de même pour les non-nominations, ce qui confirme que quelque chose s'imposait; quelque chose fait 'passer', ou non, malgré les différences*" (p. 52).

Farías, F., Drapier, J.-P., Gorog, J.-J., Lisman, M. E., & Sepel, C. (2010, maio). Contribuição do Cartel 3. O que nos convenceu. *Wunsch*, 9, 51-55. https://www.champlacanien.net/public/docu/4/wunsch9.pdf

WUNSCH 10

"Passe o que Passa"

Mario Brito, *Venezuela*

"Mas isso não acaba aí, a porta pivotante ainda não deixa de oscilar, em algum momento se deterá, mas não é agora; e quando digo 'agora' me refiro a esse momento. Considero que esse vibrar pode levar a alguns passantes a 'uma análise além da análise', e outros à **transferência de trabalho**" (p. 11).

Brito, M. (2011, janeiro). "Passe o que passa". *Wunsch*, 10, 8-12. https://www.champlacanien.net/public/docu/4/wunsch10.pdf

Estilos de Passe

Colette Soler, *França*

"Quanto a esses ossos do ofício da nomeação, poderia ser isso uma condenação do dispositivo? Não creio. O valor desse dispositivo não se atém às nomeações — se esse fosse o caso, já teria desaparecido. Ele se prende à '**transferência de trabalho**' que se produz em todos os participantes do dispositivo (passante, passadores, cartéis) e, de forma mais abrangente, na Escola e em seus analistas. Sei que alguns não gostam dessa expressão '**transferência de trabalho**', mas posso dizer isso de outra forma: o valor principal do dispositivo é o de evitar ou de contribuir

a evitar o que Lacan chamou de analista funcionário, ritualizado, que opera por rotina, hábito, que, como ele diz, aprendeu a apertar os botões certos sem mais se atormentar com 'o quê e o que é isso?'" (p. 57).

Soler, C. (2011, janeiro). Estilos de passe. *Wunsch*, 10, 52-58. https://www.champlacanien.net/public/docu/4/wunsch10.pdf

WUNSCH 11

Razão que ecoa

Patricia Muñoz, *Colômbia*

"Lacan, ainda na contramão das teorias sobre o final de uma análise, disse que há liquidação da transferência no final. Deve-se recordar sua noção de **transferência de trabalho**, colocada em prática em uma Escola que nos permite continuar juntos ou contribuir com o saber, pensar a psicanálise, mais além do horror ao saber encontrado por cada um no final de sua análise. Lacan recomenda uma posição frente ao saber quando nos disse que ele mesmo estaria em posição de analisante em seus seminários. Também disse que o passe é como o mar, sempre recomeça, e recomenda que não se esqueça esse momento de passe de analisando a analista que se dá no final de uma análise" (p. 53).

Muñoz, P. (2011, outubro). Razão que ecoa. *Wunsch*, 11, 51-56. https://www.champlacanien.net/public/docu/4/wunsch11.pdf

WUNSCH 12

Passador de Testemunhos... Passando (*Pas-Sant*) Efeitos...

Béatrice Tropis, *França*

"Não sabendo a quem recorrer, pedi uma indicação a uma profissional com quem havia se instaurado uma **transferência de trabalho**. Marcaria, então, um horário com um psicanalista" (p. 13).

Tropis, B. (2012, junho). Passador de testemunhos... passando (*pas-sant*) efeitos.... *Wunsch*, 12, 12-15. https://www.champlacanien.net/public/docu/4/wunsch12.pdf.

WUNSCH 13

O Caso de 9 de Outubro

Stéphanie Gilet-Le Bon, *França*

"Então, para fazer uma comunidade de trabalho, pensaria antes no poder da **transferência de trabalho**, ponto sete do 'Ato de Fundação': 'O ensino da psicanálise pode somente ser transmitido de um sujeito a outro pelas vias da **transferência de trabalho**'. Essa transferência é um resto da transferência analítica, o que subentende-se que esta última não se elimina e tampouco se analisa. Por quê? Porque o analista que ensina não leva em consideração o sujeito suposto saber que é a posição do analista na cura, na sua atitude diante da transferência do analisando.

A **transferência de trabalho** se faz sobre textos, sobre escritos? Eles fazem o ensino no sentido de Lacan, isto é, formação própria ao discurso analítico? Sim, claro. Pois nessa formação há a necessidade de uma relação com o saber textual: 'a psicanálise tem a consistência dos textos de Freud'. Colocam eles em relação o sujeito com o saber sem que essa relação barre o acesso ao saber inconsciente que não se sabe? Sabemos que isso pode acontecer, pude constatá-lo. Mas um texto escrito não comporta a palavra. Lacan diz o mesmo dos textos escritos, 'que ele se esforça para que não passem longe demais da fala' para o efeito de formação que ele busca. A um texto escrito falta, portanto, a voz, o vivo de um sujeito, o suporte da voz. Certamente o saber pode estar conservado nos livros. Mas ele pode estar recalcado. Confiram o despertar dos textos de Freud produzido pelo trabalho de Lacan que demonstra bem que o saber se ganha ou se inventa sobre o recalque.

Portanto, para a **transferência de trabalho** necessita-se do oral, de uma tradição oral, um que fala aos que estão lá para escutar. O dispositivo da **transferência de trabalho** é a palavra com um público, ou seja, uma transferência sobre o trabalho de pensamento daquele que fala. A fala de ensinamento de Lacan dirigindo-se aos analistas é o melhor exemplo de uma tradição oral em psicanálise, com suas interrogações, suas hesitações, suas elaborações interrompidas e retomadas, seus aforismas aos quais podemos ligar sua própria elaboração, isto é, desfazer seu caráter de aforisma" (p. 23).

"Só com seu 'não quero saber nada disso', que não tem nada a ver com aquele que vem escutar. [Não se ensina a psicanálise em grupo. Eu havia firmemente recusado, naquela época, essa modalidade de ensino que Miller queria colocar em prática na 'Antenne clinique de Dijon', aliás, sem muito saber o porquê. Nesse sentido podemos mesmo fazer objeção ao cartel de ensino]. Só, esta seria a primeira condição para instaurar a

transferência de trabalho. Que sejamos escutados, contudo, não garante o efeito de transmissão. Ainda seria preciso que, para aquele que escuta, os significantes de um outro sejam-lhe de um interesse que vá ao encontro de um desejo inconsciente, que eles abram para algo desconhecido. O que não é para ser confundido com a alienação à teoria de um outro, que não deixa de engendrar sintomas tais como a imitação, maneira servil de reproduzi-la, ou a inibição.

Mas claro que essa **transferência de trabalho** e as modalidades de trabalho que ela desencadeia devem se inscrever num lugar institucional onde o psicanalista advém. Conhecemos a relação entre o ensino e o passe, ele é consequência, certamente, mas é também 'o passe sempre a recomeçar'. Toda semana, ao longo de seu seminário, Lacan faz o passe, ele pensa a psicanálise. Seu seminário é um modo de transmissão que passa pela presença de seu corpo, sua voz, de seu olhar. Escritos e conferências surgiram daí. Ele ajustou o passe à Escola que ele fundou, que presumia produzir AE, isto é, analistas ensinantes de uma Escola — portanto, no final das contas, também os analisandos. Digamos, como C. Soler, o dito 'analisantes de Escola' — para pensar os pontos cruciais da psicanálise dos quais sabemos que o saber dos psicanalistas é um deles, que há a necessidade de contribuir com ele, pois o saber é colocado no centro pela experiência psicanalítica — 'a mínima psicanálise é da ordem do saber'. E o passe sempre a recomeçar, não é que ele seja um fracasso e não é para essencialmente dizer o que ele é, mas para preservá-lo como prova de garantia — para a psicanálise —, contra as regras oficiais que buscam neutralizá-lo, isto é, colocar a competência lá onde há somente performance sem Outro" (p. 24).

Gilet-Le Bon, S. (2012, dezembro). O caso de 9 de outubro. *Wunsch*, 13, 20-25. https://www.champlacanien.net/public/docu/4/wunsch13.pdf

Do A.M.E.: O Passe para além do Dispositivo

Sonia Alberti, *Brasil*

"O dispositivo do passe em nossa Escola dá a garantia de direito de pertencermos a uma Escola de Psicanálise embasando a **transferência de trabalho** que todo membro pode ter com sua Escola. O que, por sua vez, implica também algum dever, o de sustentar, nessa Escola, o furo que nos faz trabalhar na **transferência de trabalho** — furo tão bem trabalhado por Antonio Quinet em seu último livro: *A estranheza da psicanálise*. É a referência a esse furo que norteia o que enriquece a relação do A.M.E. com o passe" (p. 33).

Alberti, S. (2012, dezembro). Do A.M.E.: o passe para além do dispositivo. *Wunsch*, 13, 32-34. https://www.champlacanien.net/public/docu/4/wunsch13.pdf

WUNSCH 14

Desta vez o problema não é o Passe...

Ana Martinez, *Espanha*

"Essa mobilização tomou corpo imediatamente na celebração da I Jornada Internacional da Escola celebrada em Buenos Aires, nos finais de agosto de 2009. Destaco a qualidade das exposições que ali se escutaram, em clima de coparticipação, alegria e renovação que se respirou. Tive um sentimento claro de um relançamento da Escola. Ali escutamos que um Ensino de Escola — aquele que circunscreve nos ensinamentos obtidos do passe e do cartel — não se confunde com a variedade de outros ensinos que se dispersam

no âmbito da Escola. Por outra parte, foi-me revelado de forma muito real e inesperada o grande número de membros de Escola que trabalharam na experiência do dispositivo do passe, algo que dava razão à expressão que alguém utilizou: 'democratização do passe'. Essa constatação, somada à minha própria experiência no dispositivo, constitui a base sobre a qual me apoio para defender que o passe não é um problema em nossa escola. Pelo contrário, o passe constitui um polo de trabalho de Escola efetivo, que causa necessariamente **transferência de trabalho**, histeria analisante. Não esqueçamos por outro lado que o passe está habitado por um trabalho cartelizante do mais alto compromisso" (p. 13).

Martinez, A. (2014, dezembro). Desta vez o problema não é o passe... *Wunsch*, 14, 9-13. https://www.champlacanien.net/public/docu/4/wunsch14.pdf

Nada o obriga?

Nadine Cordova-Naïtali, *França*

"No entanto, desde sua fundação, a Escola de Lacan é a *nossa* e o título escolhido para o IV Encontro Internacional da Escola — *Nossa experiência de Escola* — é bem-vindo, pois este *nossa* salienta que nossa Escola se encarna. Mesmo se este *nossa* plural convoca *eu* singulares inconciliáveis, por vezes inaudíveis, nossa 'tarefa' articulada ao discurso psicanalítico que, ele, 'pode fundar um laço social', é a ser feita e refeita. Assim, pelas vias da **transferência de trabalho**, pela responsabilidade e o engajamento de cada 'um', a Escola pode, apesar de 'seus obstáculos', permanecer 'experiência inaugural' a partir daquilo pelo qual nós estamos aí, a causa de nosso desejo" (p. 30).

Cordova-Naïtali, N. (2014, dezembro). Nada o obriga? *Wunsch*, 14, 29-33. https://www.champlacanien.net/public/docu/4/wunsch14.pdf

A função do Passador, mais além do Testemunho

Monica Palacio, *Colômbia*

"Por isso, meu título, ainda que não me apegue muito a ele, tem a intenção de insistir em que a função do passador vai mais além da transmissão do testemunho. A ideia de um nó me vem em mente para exemplificar o que quero dizer. Eu me atreverei a dizer que o que produz o andamento entre o passante e o passador é o real que está posto em jogo no testemunho e que tem consequências para o passador; mas este nó, que se amarra a partir dos encontros com o passador, só se desata com a apresentação ante o cartel do passe como momento final, entretanto, teve de construir-se desde antes como nó transferencial à Escola. Acredito que aceitar ser passador tem que ver também com o que chamo de uma nova posição frente à Escola. Se a **transferência de trabalho** à Escola está instaurada, como em meu caso, como dizer não à solicitação, quase ao chamado de ser passador? O nó transferencial é colocado em andamento, é necessária uma nova amarração, a do encontro com o passante, e tomar o traço de seu testemunho para que algo de outra ordem se instale no passador e possa ser desatado, após apresentar o testemunho à Escola, o destinatário final. Entre os efeitos da notificação-surpresa (designação) e receber o testemunho do passante houve uma série de fenômenos inéditos para mim: primeiro, uma série de sonhos que pude trabalhar na análise e que mostravam alguns com respeito ao meu próprio passe, são sonhos sobre o passe, sobre o ato de passar, passar uma ponte, ou buscar uma saída que se mostre de diferentes maneiras. Eu proponho como sonhos índices no sentido que assinalam algo, apontam algo, apontam, visam algo, e creio que têm a ver com o meu próprio momento do passe" (pp. 78-79).

"Creio, então, que utilizar a modalidade de testemunho no dispositivo do passe, e não outro tipo de transmissão como uma

sustentação ou uma exposição, lhe dá um caráter particular ao assunto da **transferência de trabalho** que move e sustenta a Escola. Parece-me evidente que Lacan escolhe, cria um dispositivo no que o real se discerne, se mostra, mais por sua ressonância, por seus efeitos, que pelo saber, posto que este, o saber, ou o teórico amarrado a essa experiência aparece mais, num momento posterior ao do testemunho e o que chega ao encontro com o cartel do passe via passador, o que emerge e surge aí tem um efeito de ensinamento que não se transmite pelas vias clássicas, mas pela via da comprovação da certeza ou da verdade vivida na experiência. Por isso, ser passador, por mais que se tente formalizar, é acima de tudo uma experiência íntima, e este aspecto constituiu para mim uma das dificuldades para poder falar em termos diferentes ao que se experimentou e aos efeitos que isso provocou" (p. 80).

Palacio, M. (2014, dezembro). A função do passador, mais além do testemunho. *Wunsch*, 14, 77-81. https://www.champlacanien.net/public/docu/4/wunsch14.pdf

WUNSCH 15

Os efeitos do Passe na Experiência Analítica

Mesa 1. Coordenação: Silvia Migdalek

(Expositores: Sandra Berta, Fernando Martinez, Pedro Pablo Arévalo)

PALAVRAS DE ABERTURA

"Apenas algumas palavras que valem como introdução para o que, sem dúvida, despertará nosso interesse. Em seguida, daremos

espaço para discussão e reflexão coletiva. São três trabalhos interessantíssimos que, com um viés particular, transmitem, cada um, a convicção de que a experiência no dispositivo do passe não foi sem consequências. Essa última e seus efeitos deixam uma ressonância comum, convergem na mesma direção. Constituem uma renovação e uma confirmação do laço no desejo do analista e no desejo de psicanálise, mas com uma particularidade que me parece destacável em cada um dos trabalhos que vamos escutar nesta mesa: o entusiasmo que transmitem não é sem uma renovação do laço de **transferência de trabalho** exercido no âmbito da nossa Escola" (p. 6)

Migdalek, S. (Coord.). (2016, janeiro). Mesa 1. Os efeitos do passe na experiência analítica. *Wunsch*, 15, 5-24. https://www.champlacanien.net/public/docu/4/wunsch15.pdf

Efeitos de um Dizer na Clínica e na Escola

Sandra Berta

O DEPOIS

"A resposta do cartel *relançou-enlaçou* minhas questões na clínica e na Escola. Considero que não poderia ter me posicionado desse modo se não houvesse **transferência de trabalho** com a Escola. Tive que ver *como me encontrar aí,* como nos dissera Colette Soler, nesta sala, em 2009. Cabia saber ler no que se ouve. Saber ler no que tinha sido a resposta do cartel e, também, a escrita dessa experiência do passe. Um efeito crucial foi questionar minha clínica bem como o momento de indicação de um passador" (p. 9).

Berta, S. (2016, janeiro). Efeitos de um dizer na clínica e na Escola. *Wunsch*, 15, 6-11. https://www.champlacanien.net/public/docu/4/wunsch15.pdf.

O Passe: Eficácia e Destino de uma Experiência

Fernando Martinez

"Entre os testemunhos e a decisão do cartel do passe, transcorreu um tempo. Nesse período, ocorreram encontros com outros colegas de minha zona, aos quais propus constituir um cartel que originou, mediante **transferência de trabalho**, a formação do Fórum Patagônico do Campo Lacaniano — próximo a ser inscrito em nosso encontro em Medellín" (p. 12).

Martinez, F. (2016, janeiro). O Passe: eficácia e destino de uma experiência. *Wunsch*, 15, 11-16. https://www.champlacanien.net/public/docu/4/wunsch15.pdf

Efeitos do Passe e o fim de Análise no Desejo com relação à Psicanálise

Pedro Pablo Arévalo

"Nos dias subsequentes, cai em uma espécie de depressão, de luto. Algo na análise havia se desprendido. Esteve duas ou três semanas num estado como que de aplanamento ou de inanição emocional e intelectual. Desse estado, saiu com uma intensa e desconhecida **transferência de trabalho**, refletida em uma voracidade de leitura inédita em sua já longa vida de pessoa estudiosa, na iniciativa de expor várias obras fundamentais, a tradução, a partir do francês, de um livro sobre a psicanálise lacaniana e a assunção da direção da revista do Fórum, entre outros. Também, nesses dias, decidiu fazer o passe" (p. 19).

Arévalo, P. (2016, janeiro). Efeitos do passe e o fim de análise no desejo com relação à psicanálise. *Wunsch*, 15, 15-23. https://www.champlacanien.net/public/docu/4/wunsch15.pdf.

Do Insuportável ao Desejo de Psicanálise: O Gonzo do Cartel

Carmen Eusebio, *Monza, Itália*

"A questão do ato e da ética, dois elementos emergentes da vitalidade do debate, devolveu-me a questão que levantei ao início: como, da natureza do laço fundante- fundado do cartel, da 'multiplicidade dos uns' — expressão de uma **transferência de trabalho** *em ato* — pode se abrir um *interesse/inter-ser*, que chega a fazer, efetivamente, furo no saber e, a partir daí, causar e inclusive sustentar um 'desejo de psicanálise'. O cartel *torna-se*, então, o percurso de uma ética do sujeito que já não se interesse genericamente pela psicanálise, mas que possa ver surgir, imprevisivelmente, um desejo de psicanálise como contingência para o sujeito sem garantia. O horror de um saber insuportável, que não pode ser portado por um só, pode ser enodável no laço com outros, laço com 'encontráveis' que podem sê-lo com a condição de uma Escola, encontráveis particularmente num laço-cartel, que por definição é de Escola, ao mesmo tempo em que contribui com o *fazer* Escola. Assim concluía o breve texto para Toulouse e o encontro da Mesa, em torno de uma mesa que não havia, que fazia furo, mas que me permitiu experimentar, num *a posteriori*, o alcance real de minha tentativa de elaboração, exemplo então dessa experiência de Escola que chega a tocar o *inter-ser*/interesse, como interesse que não é de um só, quer dizer, 'desejar a psicanálise', ao mesmo tempo em que tentamos elaborar suas condições — como Colette Soler lembrou na recente Jornada em Milão, em maio de 2015. Lacan jamais cessou de medir-se, fazendo seu passe sem cessar" (p. 65).

Eusebio, C. (2016, janeiro). Do insuportável ao desejo de psicanálise: o gonzo do cartel. *Wunsch*, 15, 64-65. https://www.champlacanien.net/public/docu/4/wunsch15.pdf.

WUNSCH 16

Cartel-Passe-Escola

Ramon Miralpeix, *Barcelona, Espanha, Cig 2012/2014*

"A Escola nasce atada ao cartel. Uma e outro se assentam em que 'O ensino da psicanálise só se transmite de um sujeito ao outro por caminhos de uma **transferência de trabalho**'" (p. 23).

Miralpeix, R. (2017, fevereiro). Cartel-passe-Escola. *Wunsch*, 16, 23-25. https://www.champlacanien.net/public/docu/4/wunsch16.pdf

O Decantar do Desejo de Psicanálise no Passe

José Antonio Pereira Da Silva, *Salvador, Brasil*

"Passei pela entrevista preliminar e nesta me deparei com uma essencial diferença com a outra experiência, a partir do ato de implicação com aquilo de que me queixava, com minhas escolhas e, consequentemente, os sintomas que me representavam. Deu-se início ao processo de análise, que durou quatorze anos, no qual foi possível atravessar as diversas alienações ao outro; atravessar as fantasias, superar o medo de desamparo, a insegurança, e restabelecer a autoconfiança; tratar a relação de rejeição e vergonha com o nome próprio, em função das diversas 'gozações' dentro da cultura que havia com o nome; e, por fim, destituir o analista do lugar de trabalho de transferência para a manutenção da **transferência de trabalho** com a psicanálise, na Escola e na clínica" (p. 31).

Silva, J. A. P. (2017, fevereiro). O decantar do desejo de psicanálise no passe. *Wunsch*, 16, 30-32. https://www.champlacanien.net/public/docu/4/wunsch16.pdf

O Desejo de Psicanálise fora do Tratamento

Martine Menès, *Paris, França, Cig 2014/2016*

"Desse fato, uma nova questão se impõe: o desejo não se ensina mas o desejo pode ser transmitido? Bem mais cedo, em 1957, Lacan dá uma indicação: '(...) a única formação que podemos pretender transmitir àqueles que nos seguem (...) é um estilo'. Que quer dizer do um por um. Com efeito, o estilo traz consigo o desejo e não o sentido, expressão que não tem nada a ver com os ditos. O estilo, traço proeminente do saber fazer com seu sintoma, traz a marca da divisão do sujeito e da distância entre o que se pode ensinar e o que é transmissível. Dá o gosto (da psicanálise) e o gosto da psicanálise vai poder circular nas vias de uma **transferência de trabalho**" (p. 47).

Menès, M. (2017, fevereiro). O desejo de psicanálise fora do passe. *Wunsch*, 16, 46-48. https://www.champlacanien.net/public/docu/4/wunsch16.pdf.

Experiência Cig.

Maria Teresa Maiocchi, *Milão, Itália, Cig 2014/2016*

"Estar '*no trabalho do inconsciente*': modo de evocar o *trabalho* enquanto *travaglio* [como *trabalho de parto*], termo que, etimologicamente em italiano, é da ordem de uma *separação,* de um *se parere* do Outro, mesmo daquele absoluto, que ainda assim nos fixa até o fim na sua órbita vazia, como ouvimos recentemente em Paris. Trabalho que dá frutos, para que não se reste prisioneiros de uma *doglia* infinita, como as dores infinitas da '*bela alma*', especialmente nas condições atuais, em que a psicanalise é atacada, frequentemente e em vários modos, por parte do mesmos psicanalistas: um trabalho de transferência sem '**Transferência**

de trabalho' dirigida à psicanalise corre o risco de ficar suspenso no imaginário ('terapêutico') de um Outro garantido, enquanto aquilo do que se trata é de chegar a uma escritura singular, ao singular de uma escritura, que toca o real com o poema que cada um é" (pp. 76-77).

Maiocchi, M. T. (2017, fevereiro). Experiência CIG. *Wunsch*, 16, 74-77. https://www.champlacanien.net/public/docu/4/wunsch16.pdf

WUNSCH 18

f(x) AME

Sandra Berta

"Por último, mas não menos importante, cabe advertir que a função passador foi proposta para o dispositivo do passe e, portanto, quando se designa um passador é preciso que consideremos se há alguma **transferência de trabalho** com a Escola" (p. 17).

"Fazer o trabalho de Escola, sustentar a **transferência de trabalho** borromeana, é um traço diferente que pode ser transmitido na extensão. Essa condição pode fazer confiança ao borromeano que se espera de um AME em função no cartel do passe. O saber-fazer-aí-com o borromeano se recolhe da clínica, de conduzir as análises até o fim e do trabalho com os cartéis. Assim sendo, partindo dessa prática borromeana (na clínica e nos cartéis) se espera que um AME em função seja tomado pelo desejo de participar dos cartéis do passe e dos cartéis do CIG" (p. 18).

Berta, S. (2018, junho). *f(x)* AME. *Wunsch*, 18, 14-18. https://www.champlacanien.net/public/docu/4/wunsch18.pdf

O A.M.E., garantia de quê?

Ricardo Rojas

"A Comissão de Habilitação deverá levar em conta, segundo a *Proposição A*: '*a participação efetiva do interessado nos diversos grupos de trabalho da E.F.P. (seminários, cartéis...), essa participação podendo eventualmente fazer as vezes de trabalho escrito*'. Quer dizer, alguém impactado pela **transferência de trabalho** da Escola e que tenha sido tomado pelo '*turbilhão*' da Escola, mais do que algum responsável que se encarregue hierarquicamente de administrar o sentido. Por isso, não fica clara para mim a proposta de uma entrevista de engajamento com os A.M.E. quando se supõe que ali alguém foi designado mais que comprometido" (p. 21).

Rojas, R. (2018, junho). O A.M.E., garantia de quê? *Wunsch*, 18, 18-22. https://www.champlacanien.net/public/docu/4/wunsch18.pdf

WUNSCH 20

Cartel do Passe: Trabalho de Doutrina ou Orientação Teórica?

Carme Dueñas, *Barcelona, Espanha*

"Mais do que um saber, tratar-se-ia de transmitir o que cada um captou, no passe, de uma invenção alcançada, com a condição de não fazer disso algo generalizável, já que em uma análise justamente se trata de encontrar a resposta singular. Uma transmissão impulsionada por um desejo articulado à transferência à Escola, ou ao psicanalista mesmo, pois como disse Lacan em seu *Ato de*

Fundação, 'O ensino da psicanálise só pode transmitir-se de um sujeito para outro pelas vias de uma **transferência de trabalho**'.

Uma **transferência de trabalho** que se vincula à Escola, nos cartéis, nos Seminários de Escola locais e nos Encontros como este, onde podemos nos escutar e debater entre nós e onde também o desejo se relança, para prosseguir nesta tarefa 'alegre', mas também 'impossível', que é a do psicanalista" (p. 16-17).

Dueñas, C. (2020, maio). Cartel do passe: trabalho de doutrina ou orientação teórica? *Wunsch*, 20, 14-17. https://www.champlacanien.net/public/docu/4/wunsch20.pdf

O Cartel, um Dispositivo Inaudito para fazer Laço de Escola a partir do Não Partilhável

Anne Castelbou Branaa, *Toulouse, França*

"'O inédito é que, claro, acontece tanto mais que você quer menos, é assim que eu percebo algo que é um efeito [...]' Lacan descobriu com surpresa, ao ler os produtos dos cartéis que seriam expostos durante as Jornadas de 75, os efeitos de seu ensino, os do seminário (ainda não publicado) sobre 'A ética da psicanálise', que orientava a **transferência de trabalho** dos seus alunos" (p. 26).

"Lembro brevemente os dois tipos de dispositivos específicos dos cartéis de nossa Escola. Existem aqueles que permitem *o testemunho dos produtos dos cartéis* e aqueles *que asseguram sua difusão*. Os cartéis do passe são divididos em cartéis efêmeros e cartéis do CIG. Os primeiros estão a serviço do próprio procedimento do passe com um objetivo preciso, a nomeação do AE. Os cartéis do CIG são cartéis de elaboração das questões resultantes do testemunho do desejo do analista, enquanto os demais cartéis da Escola tratam da passagem à elaboração da **transferência de trabalho** como práxis e como ética" (p. 26).

"Existem vários dispositivos de informação e de difusão: O *Catálogo de cartéis* torna legível a comunidade do cartel, a diversidade dos temas trabalhados na Escola. Nele foi criada uma nova rubrica para classificar os cartéis dos países europeus anexados à zona francófona, por Fórum ou por país. Sua atualização bianual permite acompanhar sua dinâmica e observar as novas modalidades de formalização, como os 'cartéis ampliados', cartéis sem 'mais um declarado', bem como cartéis cuja dissolução não é declarada apesar de não serem mais ativos. A declaração, que permite colocar um ato apoiado em uma **transferência de trabalho**, teria para alguns mais importância do que a informação do ato de dissolução do cartel? A *Newsletter* trimestral, 'Atualidades dos cartéis', reúne o conjunto das atividades relacionadas aos cartéis, as anuncia e inclui uma breve descrição daquelas que já ocorreram. Sua seção 'Procura-se cartel' permite colocar em relação aqueles que desejam fazer cartéis, e uma outra acolhe os '*Impromptus*', breves comentários sobre a vida e a função do cartel. O *Boletim dos cartéis* publicava todas as apresentações feitas durante os vários encontros de cartéis, alguns dos quais são publicados agora no *Mensuel* da Escola (EPFCL-França)" (p. 27).

"A reintrodução de uma 'comissão de cartéis' pelo novo Conselho de Direção dá ênfase à necessidade de uma prática entre vários, para colocar em ação a responsabilidade da Escola em relação aos cartéis, como nós mesmos havíamos experimentado anteriormente. Longe de manter o ronronar administrativo, contra o qual Rithée Cevasco nos alertou, tínhamos, antes, o desejo de contribuir com ofertas de novos dispositivos para valorizar a comunidade de cartéis da Escola e, principalmente, as elaborações produzidas, para que todos possam fabricar seu próprio mel com os achados colhidos, aqui e ali, nos encontros de cartéis, a fim de combater a tentação de permanecer no funcionamento fechado do seu próprio cartel. Para concluir, eu diria que é sobretudo

a cada um daqueles que ainda tem o mesmo interesse e o mesmo prazer em trabalhar em um cartel que compete a responsabilidade de transmitir a relevância desse dispositivo de Escola àqueles que o descobrem. O cartel é o único dispositivo que permite fazer laço de Escola a partir desse saber ligado ao inconsciente e poder testemunhar, para outros, o que passa deste impartível à elaboração de uma **transferência de trabalho** sobre a psicanálise com seus próprios significantes. É precioso para uma Escola de psicanálise que ela seja capaz de ouvir o estilo de enunciação e a tessitura da voz daqueles que se deixam ensinar pelos efeitos de seu cartel" (p. 27).

Branaa, A. C. (2020, maio). O cartel, um dispositivo inaudito para fazer laço de Escola a partir do não partilhável. *Wunsch*, 20, 25-27. https://www.champlacanien.net/public/docu/4/wunsch20.pdf

Ex-Cartelizar

Maria Teresa Maiocchi, *Milão, Itália*

"O que pode produzir um efeito separador, antissugestivo, no grupo? O que faz *cardo*? É o pivô que mobiliza um trabalho de teoria 'que inclua uma falta'. '**Transferência de trabalho**' é o ponto de partida de Lacan no *Ato de fundação*, porque o trabalho em cartel questiona e perturba o sono identificatório do grupo, ainda mais se esse sono é institucional. Mas, dez anos mais tarde, em 75, repropondo com insistência o dispositivo, Lacan colocará em jogo mais explicitamente o único ponto em que podemos nos identificar com o grupo, isto é, o buraco da não-relação, a partir do qual se constitui todo laço social. É isto que Lacan introduz em *R.S.I.*, é o que desloca o cartel em direção à lógica do nó. No período lógico seguinte, 1980, em plena *Dissolução*, ele poderia até encorajar a 'se colar': 'Vá em frente. Coloque-se em um grupo, fique junto pelo tempo que for necessário para fazer alguma

coisa, e se dissolva depois, para fazer outra coisa. O que importa, eu denuncio a vocês, é que a *Causa Freudiana* escape ao efeito de grupo. De onde se deduz que ela durará apenas o temporário, quero dizer se nos desamarrarmos antes de continuarmos juntos, não poderemos mais voltar'. Interessante a retomada insistente do turbilhão, este turbilhão inédito em abril de 75, durante as *Jornadas sobre o cartel da Escola freudiana*, precisamente no mesmo período que *R.S.I.*, pois é esse turbilhão que se conecta ao nó e faz o buraco operante" (p. 31-32).

"A vantagem do que Lacan traz é que essa pequena grande invenção é *prática*, é a práxis de um lugar, 'propício' a esse 'dizer' e ao tratamento permanente que ele opera, através do *turbilhão*. 'Portanto, é necessário que eu estabeleça um turbilhão que seja propício a vocês. É isso aí, ou a cola garantida. ... A hierarquia apenas se sustenta ao gerir o sentido. [...] *É certo que eu conto com o turbilhão. E, devo dizer, sobre os recursos doutrinários acumulados no meu ensino*', eu já destaquei isso. Nas razões desse turbilhão, não está o ponto onde Lacan confia o destino de seu discurso como um ser vivo? Esse ponto de reagrupamento se forma não apenas em torno de seu ensino — embora seja mais precioso que o reconhecimento burocrático-institucional (como em 64) — mas em torno do vazio que esse ensino *sabe escavar*, vazio apresentado pela dimensão nodal que o cartel realiza pelo vórtice que a permutação produz. '**Transferência de trabalho**' é, portanto, o deslocamento de laços e os nós dos corpos falantes, colocando em jogo um real *do* e *no* encontro. É nisso que o cartel se faz lugar analisante, ou turbilhão ou cola, ou turbilhão ou nenhuma decolagem da Escola... Não de *D'écolage*... Nesse sentido, o cartel é condição da Escola" (p. 33).

Maiocchi, M. T. (2020, maio). Ex-Cartelisar. *Wunsch*, 20, 28-35. https://www.champlacanien.net/public/docu/4/wunsch20.pdf

Para A Escola do Passar *A*: O Lugar do Cartel

Marie-Annick Le Port Gobert, *Rennes, França*

"Sabemos que, se o *plus* da **transferência de trabalho** visa o real e toca o gozo, não haverá nenhuma *razão* [*raison*] para fazer esse trabalho, mas sim *razão* [*réson*] para a psicanálise, seja com o objetivo de transmitir não o que sabemos, mas o que provém do impossível a saber, o que só pode ser escutado. E também propor, talvez, que não há interpretação que possa transformar o sujeito do inconsciente e, talvez, também devolver ao real do corpo suas cartas de nobreza lacaniana" (p. 38).

Le Port Gobert, M.-A. (2020, maio). Para a escola do passar *a*: o lugar do cartel. *Wunsch*, 20, 36-38. https://www.champlacanien.net/public/docu/4/wunsch20.pdf

O Cartel Inter-Fórum e Inter-Nacional na sua Função Nodal de Colocação à prova do Laço Social na Escola da IF

Celeste Soranna, *Roma, Itália*

"O trabalho de cartel — como foi concebido por Lacan —, cujos membros da Escola pertencem a vários fóruns, abre a perspectiva de uma **transferência de trabalho** muito além das identificações com seu próprio fórum de pertencimento. É assim que se pode fazer a experiência de um desejo outro, de modo que ele vá muito além do que é chamado de diferenças 'linguísticas' e não somente: visando o coração desta passagem que leva cada membro da Escola a consentir em escrever os termos de sua implicação, em seu nome próprio, para a psicanálise" (p. 44).

Soranna, C. (2020, maio). O cartel Inter-Fórum e a Inter-Nacional na sua função nodal de colocação à prova do laço social na escola da IF. *Wunsch*, 20, 41-44. https://www.champlacanien.net/public/docu/4/wunsch20.pdf

Terceira Jornada Interamericana da EPFCL

Beatriz Maya, *Medellín, Colômbia*

ABERTURA

"Da mesma forma, Ana Laura Prates, membro do CIG atual, proporá uma diferença entre o uso que se faz do diagnóstico na clínica analítica, onde o considera necessário para o manejo da transferência, do diagnóstico não necessário na experiência do passe, dada a diferença radical da transferência, pois nos dirá que o passe 'exclui a transferência enquanto amor que se dirige ao saber. Se transferência há, é aquela que Lacan um dia chamou pelo nome de **transferência de trabalho**'" (p. 48).

Maya, B. (2020, maio). Terceira Jornada Interamericana da EPFCL: Abertura. *Wunsch*, 20, 47-48. https://www.champlacanien.net/public/docu/4/wunsch20.pdf

Qual De(S)Cisão para o Passe?

Adriana Grosman, *AE, São Paulo, Brasil*

"Falar para um público tem causado mais desdobramentos para minhas questões, identificadas como restos ou mostras de um inconsciente que não para de não parar. Essa descoberta, ligada ainda à experiência do fim de análise, entusiasma e faz falar mais, *encore*. Há uma mudança de direção da fala, não mais para o analista, mas para um público, para uma Escola, que

aposta na transmissão singular da experiência de análise daquele que acabou e formalizou seu percurso e na **transferência de trabalho**" (p. 49).

Grosman, A. (2020, maio). Qual de(s)cisão para o passe? *Wunsch*, 20, 49-52. https://www.champlacanien.net/public/docu/4/wunsch20.pdf

O que se pode conhecer através do Passe?

Ana Laura Prates, *São Paulo, Brasil*

"Que ao final de uma análise o analista que adveio da cura queira transmitir algo dessa marca, fazendo-a passar, com algum artifício, para outro discurso, e que o dispositivo do passe por ela se interesse especialmente, eis o ponto crucial que nos interessa discutir. E entendo que é partindo desse ponto que podemos pensar a questão do diagnóstico no passe. Seria importante, entretanto, estarmos advertidos de que se trata menos das presunções de estrutura e tipos clínicos que os componentes do cartel do passe vieram a fazer a partir do que puderam escutar dos relatos dos passadores (o que não quer dizer que não o façam), mas, antes, da passagem extremamente paradoxal e até mesmo extraordinária de uma marca singular e incomunicável para a construção de uma comunidade analítica de Escola, o que implica necessariamente a lógica do coletivo. O diagnóstico no passe, portanto, ao contrário daqueles imprescindíveis para a direção da cura, exclui a transferência enquanto amor que se dirige ao saber. Se transferência há, é aquela que Lacan um dia chamou pelo nome de **transferência de trabalho**.

Esse termo está um tanto em desuso, mas gostaria de retomá-lo. Para tanto, revisitei um texto que escrevi no início do século, chamado justamente 'Transferência e **transferência de trabalho**', no qual colocava a seguinte questão que agora retomo,

20 anos depois, a partir da *Wunsch* nº 20, minha experiência no cartel do passe: 'O que acontece no final com a transferência e o que isso tem a ver com a Escola?'. Em 64, Lacan afirma que '*o ensino da Psicanálise não pode se transmitir de um sujeito ao outro a não ser pelas vias de uma* ***transferência de trabalho***'. A Escola, então, enquanto *locus* de transmissão da psicanálise, se sustenta por essas vias. E, em 67, eis o passe, como sequência lógica e ética dessa proposta. 'Trabalhadores decididos' é o termo que corresponderia a essa modalidade transferencial, e está claro que ele não pode se confundir nem com o voluntário do bem-estar social, o operário padrão, o profissional liberal e em hipótese alguma com o escravo. Do que se trata, então? No 'Discurso na EFP', Lacan propõe que contra os semblantes de crença e 'tudo o que se dissimula da economia do gozo' seria melhor que o Psicanalista confiasse no inconsciente ao se recrutar" (p. 67-68).

Prates, A. L. (2020, maio). O que se pode conhecer através do passe? *Wunsch*, 20, 66-68. https://www.champlacanien.net/public/docu/4/wunsch20.pdf

WUNSCH 21

A Aposta do Plurilinguístico no Passe

Andréa Hortélio Fernandes, *Salvador, Brasil*

"Para concluir, nossa Escola é plurilíngue e assim ela 'se dedica a cultivar o discurso analítico' levando em conta o saber inscrito de alíngua que constitui propriamente falando o inconsciente. Este trabalho se realiza nos cartéis plurilíngues com membros de diferentes Fóruns de diferentes países que mantêm uma **transferência de trabalho** dirigida à Escola" (p. 33).

Fernandes, A. H. (2021, março). A aposta do plurilinguístico no passe. *Wunsch*, 21, 31-33. https://www.champlacanien.net/public/docu/4/wunsch21.pdf

O Dispositivo do Passe e a Crise de Sanitária

François Terral, *Toulouse, França*

"Por outro lado, implementar uma experiência do passe por meios digitais, e portanto fazê-la até ao final do processo, certamente implica voltar a falar dela entre nós, de transmiti-la ao futuro CIG e a outros, etc. o que equivale a instalá-la como uma modalidade que se tornou possível na EPFCL. Não pelo efeito de um golpe de força, mas pelo fato de a decisão do cartel não poder ser posta em causa sem que seja, ao mesmo tempo, posta em causa também a razão de ser do passe, razão que reside no desejo daquelas e daqueles que se engajam nesta experiência. Entenda-se que não se trata aqui da autoridade da instância do CIG e do cartel, mas da própria natureza do seu trabalho. Ele não é o resultado de uma abordagem padronizada, com um conjunto de casas a ser preenchido — e concebe-se facilmente que, se uma ou mais casas não poderiam sê-lo, seria fácil dizer que as modalidades de videoconferência tornariam a experiência impossível. O trabalho do cartel é muito diferente e, para retomar a expressão de Lacan em seu seminário sobre o ato, lembremo-nos de que ele é *fruto de um ato*. Neste caso, o que é recolhido coletivamente do passo dado por cada um dos membros do cartel no momento de se pronunciar. Assim, a experiência iniciada e finalizada pelo CIG neste outono de 2020 vem, de fato, confirmar uma variante do funcionamento do passe. A partir daí, a questão é saber se este funcionamento afeta a dinâmica do trabalho no seio da Escola e, mais exatamente, a **transferência de trabalho** que impulsiona essa dinâmica — uma perspectiva que exigirá um recuo muito

mais importante do que nos dão os dez passes concernidos nesta primeira sequência" (p. 37-38).

"Do ponto de vista do cartel do passe, se há transferência, sustentemos que é o que Lacan chamou, sem o desenvolver, de '**transferência de trabalho**'. Sob estes termos, trata-se da orientação do desejo de um sujeito (seja ele passante, passador ou membro do cartel) e os meios concretos que ele encontra para sustentá-lo, o que se afirma no momento em que a psicanálise conta para ele além da sua própria análise, e até *mais* do que ela mesma, o que equivale a dizer que ela conta para o que é a psicanálise, qual é o seu lugar no mundo, como laço social, com todas as suas consequências éticas, políticas e clínicas. O termo 'trabalho' diz claramente o que está em jogo: nessa transferência não se trata de afetos, de remeter todos à tarefa de pensar a psicanálise apesar ou além do *horror de saber* abordado no final do percurso. É, portanto, uma transferência separada do sujeito suposto saber, e nisto, muito diferente do que opera no tratamento. Nesse ponto, poderia se contrapor à ideia de que alguns dos atores ainda estão em análise — frequentemente os passadores — e que isso deve ser levado em consideração. E, de fato, existem testemunhos que afirmam que ter sido passador e ter podido experimentar um encontro presencial com o passante mudou o curso da análise. Mas isso, sem dúvida, deve ser situado mais como uma contingência do dispositivo do passe do que como um objetivo. Além disso, não há nada que diga que um efeito semelhante não possa existir em videoconferência" (p. 39-40).

Terral, F. (2021, março). O dispositivo do passe e a crise de sanitária. *Wunsch*, 21, 36-41. https://www.champlacanien.net/public/docu/4/wunsch21.pdf

Caderno-Stylus_PROVA-FINAL.indd 80 17/05/2022 10:26:29